

Em discurso pronunciado no Grande Expediente da ANC, o líder da bancada do PCdoB, Haroldo Lima, defende a implantação imediata do parlamentarismo e eleições para presidente em 1988.



PCdoB completa 66 anos de Luta em 25 de março

Rogério Lustosa

O PC do B completa 66 anos de existência, em 25 de março, colocando em tensão todos os seus organismos, na preparação do 7º Congresso, o primeiro a ser realizado na legalidade em toda a sua vida.

Nestas quase sete décadas, a história do partido se confunde, em grande parte, com a história do país. O PC do B carrega as cicatrizes da selvageria das classes dominantes na opressão do povo brasileiro. A proibição da atividade legal aos comunistas espelha, ao longo dos anos, a privação de liberdade para os trabalhadores, as intervenções em seus sindicatos e a perseguição aos operários que, nas fábricas, ousam erguer a cabeça. A repressão brutal ao povo revela-se, em particular, na prisão, tortura e assassinato de centenas de comunistas.

Por outro lado, a valentia dos brasileiros, que jamais se curvaram aos carrascos, tem sua expressão concentrada no destacamento de vanguarda da classe operária que, em todos os momentos, se faz presente erguendo a bandeira vermelha da revolução. Nas greves operárias, nas revoltas dos camponeses, nas manifestações populares, nas batalhas das mulheres por sua emancipação, na rebeldia da juventude, no protesto dos negros, no parlamento, no levante de 1935, e na resistência armada do Araguaia, por todo lado, tremula o estandarte do PC do B.

FIRME NO LEME
Nesta longa caminhada,

o partido procura sempre aprofundar suas raízes com o proletariado, assimilar e difundir a teoria marxista-leninista. E desmascarar as correntes oportunistas que, a serviço da burguesia, tentam desviar os trabalhadores da via revolucionária.

Para cumprir seu papel dirigente, o PC do B tem sempre que romper o cerco furioso das classes dominantes. Além da repressão policial, os opressores buscam, a todo instante, isolar os comunistas das demais forças democráticas e patrióticas. Os poderosos espalham, constantemente, o preconceito anticomunista, caluniam o partido e semeiam a confusão. A burguesia trata de alimentar divergências nas fileiras comunistas, de corromper elementos que não compreendem a ideologia da classe operária e utilizá-los para sabotar o partido.

Nos últimos anos, demonstrando a falsidade da democracia nas mãos da burguesia, camaradas como João Canuto, Nonatinho, Paulo Fonteles, Felipe Soares, foram assassinados, a mando de grileiros, no Pará e no Maranhão. Nada disto afastou o partido da revolução. Os comunistas respondem a estes ataques, reforçando sua unidade e disposição de luta.

NECESSIDADE DO PARTIDO

A atual situação do Brasil resalta ainda mais a necessidade de um partido revolucionário, capaz de elucidar os problemas e apontar aos trabalhadores os objeti-

vos a longo e curto prazo e as tarefas concretas em cada combate. Os imperialistas, os latifundiários e os grandes empresários monopolistas, revelam, nos trabalhos da Constituinte principalmente, a sua aversão radical às mudanças e sua incapacidade em adotar medidas para salvar o país da crise. Somente transformações de caráter revolucionário, que abram espaço para um sistema social mais avançado, podem conduzir o Brasil a um futuro de liberdade e progresso.

Para enfrentar os poderosos inimigos que o oprimem, os trabalhadores não podem prescindir de uma organização combativa, orientada pela ciência social do marxismo-leninismo, hábil na condução de cada batalha, capaz de estabelecer alianças com as mais amplas correntes progressistas.

O Partido Comunista do Brasil atua hoje na legalidade. Sua política é difundida para milhões de brasileiros. Representa uma esperança para um número cada vez maior de homens e mulheres avançados, que buscam o socialismo. É um partido que defende ardorosamente os pontos de vista da classe operária, mas mantém uma convivência democrática com as mais diversas correntes de opinião. É respeitado pelos aliados por sua conduta séria e responsável. Ao completar 66 anos de luta, o PC do B convida todos aqueles que amam a liberdade e a independência, e lutam pelo socialismo, a ocupar seu lugar nas fileiras comunistas.

EDITORIAL

A Busca de Novas Alternativas

Os impasses ocorridos nas votações mais importantes da Assembléia Nacional Constituinte, em todas as suas fases transcorridas até o presente instante, e os que se anunciam, são elucidativos do tipo de lutas travadas ali dentro e do caráter da crise brasileira.

O Brasil não vive apenas uma crise político-institucional e de governo. O mais exato é afirmar que o país tem vivido, ao longo de muitas décadas, uma sucessão de crises, o que confere à agonia das instituições nacionais o caráter de enfermidade crônica.

Se vivemos hoje mais uma encruzilhada histórica não devemos enxergá-la apenas nas questões mais aparentes que dão forma à crise política. Não se trata de considerar isoladamente questões como mandato presidencial e sistema de governo, de alcançar um grau maior ou menor de liberdades políticas e de direitos democráticos. Muito mais que isto, é preciso enfrentar estes problemas na sua relação visceral com as mazelas estruturais da sociedade brasileira.

A Constituinte se tornou o centro para o qual convergem os embates políticos do momento porque nela encontram-se refletidas de maneira concentrada as contradições fundamentais do país. Ali se trava uma luta entre dois Brasis: o Brasil do passado e o da modernidade; o do atraso e o do progresso social; o país do latifúndio e o da reforma agrária; o da submissão ao capital estrangeiro e o da independên-

cia nacional; o da burguesia monopolista e concentradora de rendas e o das classes laboriosas. Enfim, o Brasil senil e ultrapassado, da fome, da ignorância e das doenças endêmicas e o país da mesa farta, do saber e da saúde para todos.

Não é a primeira vez em nossa história republicana que os problemas estruturais, manifestados de outras formas e com outras dimensões, vieram à tona e condicionaram o desenvolvimento político-institucional. Que foi a proclamação da República senão o primeiro choque entre a estrutura retrógrada e os anseios de progresso da sociedade? E a revolução de 1930, senão uma luta entre as oligarquias agrárias aliadas com o velho colonialismo e o nascente movimento nacional e democrático? Que foi o Estado Novo, implantado em 1937, senão a expressão da luta desesperada das classes dominantes para sufocar os anseios libertários do povo? Que foi o trágico episódio do suicídio de Vargas em 1954, senão um momento crítico da luta pela soberania nacional? E a tentativa de setores retrógrados de impedir a posse de Juscelino, em 1955, e de Jango, em 1961, após a renúncia de Jânio? Depois tivemos 1964, choque agudo, golpe militar, através do qual o imperialismo, o latifúndio e a burguesia monopolista implantaram o modelo que há muito tempo estertora.

Em todos esses momentos delicados de nossa história, assim como nas crises políticas vividas durante o regime mi-

litar e de 1985 para cá, a tônica tem sido a mesma — as elites, as classes dominantes, capitaneadas pelo imperialismo e recorrendo ao militarismo, impõem “soluções” que levam ao ulterior agravamento dos problemas.

Mais uma vez a atitude dos potentados de nossa sociedade, de resistência furiosa às mudanças, de tentativa de manter o Brasil na dependência e no atraso social, demonstra cristalina a perspectiva de agravamento dos problemas nacionais e de ocorrerem crises políticas ainda mais intensas e profundas.

Esta resistência cega e obstinada vai convencendo o povo brasileiro da necessidade de buscar novas alternativas que descortinem uma perspectiva de conquista da liberdade, da independência e do progresso social.

O nível de lutas desenvolvido até aqui pelas massas populares revelou-se insuficiente para o alcance de vitórias mais significativas. Principalmente agora que as questões centrais entram na ordem-do-dia para votação na Constituinte (Reforma Agrária, capital estrangeiro, papel das Forças Armadas, Estado de Defesa, etc.), torna-se decisivo para os rumos da luta de libertação do povo brasileiro a mobilização em todos os níveis e a unidade das forças progressistas. Encontrar a maneira de organizar este movimento unitário e de massas é o grande desafio para as forças de vanguarda do povo brasileiro.

Rumo à Convenção Nacional

No último domingo, 20 de março, encerrou-se vitoriosamente mais uma etapa do processo de obtenção do registro definitivo do Partido Comunista do Brasil junto à Justiça Eleitoral, com a realização das Convenções Regionais nos Estados do Rio de Janeiro, Ceará, Piauí, Goiás e Pará. No dia 13 de março já tinham sido

realizadas, com grande sucesso, as Convenções Regionais nos Estados do Acre, Sergipe, Amazonas, Mato Grosso, Espírito Santo e no Distrito Federal. Agora, o último passo é a realização da Convenção Nacional, já marcada para o dia 3 de abril em Brasília.

A luta pela legalização do

Partido é indissociável das demais tarefas. Relaciona-se estreitamente com o crescimento do Partido e a realização vitoriosa do 7º Congresso. A existência legal de uma combativa organização política do proletariado brasileiro é fator fundamental para o avanço da luta democrática e progressista de nosso povo.

COMUNISTA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
FUNDAÇÃO MAURÍCIO GRABOS

VITÓRIA DO SOCIALISMO

José Renato Rabelo

O camarada José Renato Rabelo, da Executiva Nacional do PCdoB realizou uma visita de três semanas à Albânia. No "país das Águias" Renato desenvolveu conversações com a direção do Partido do Trabalho da Albânia, tendo sido recebido pelo primeiro-secretário, camarada Ramiz Alia, com quem discutiu sobre assuntos de interesse dos dois partidos. Renato visitou várias regiões do país e neste seu artigo faz um relato sobre a Albânia hoje.

Depois de quase 7 anos encontro a Albânia mais bela, seu povo mais alegre, são visíveis grandes transformações. Após o 9º Congresso do PTA e na vigência da aplicação do 8º Plano Quinquenal, presenciámos o enorme salto no nível de desenvolvimento atingido pela Albânia, outrora um país essencialmente agrícola atrasado, sem indústrias.

Inúmeras iniciativas de massa, dirigidas por movimentos de vanguarda do PTA, colocam em ação grandiosas obras na atualidade. Depois de gigantescas conquistas alcançadas em todas as aldeias do território albanês, até as mais remotas, com a chegada da eletricidade, da rodovia e do telefone, agora é a vez da água potável encanada. Tubos de vários calibres vão se estendendo por toda a parte. Isso representa um novo marco do espantoso desenvolvimento harmônico de todas as regiões do país, que somente o socialismo pode realizar. A maioria dos Estados europeus com mais de dois séculos de capitalismo não conseguiram tal façanha até hoje.

Melhoria da qualidade
Neste quinquênio o aumento da produtividade e a melhoria na qualidade dos produtos industriais e agrícolas é a tônica que se expressa nas massas trabalhadoras, técnicos e cientistas, empenhados como um só corpo nesse elevado objetivo. Assim, a pesquisa sobre

híbridos de milho, arroz, feijão e variedades de trigo, consegue novas descobertas, adaptadas às condições da Albânia, permitindo rendimentos iguais aos melhores níveis da Europa. A produção de azeitonas, basicamente com incentivos ao aumento da produtividade per-capita, será o dobro até 1990. Novas ferrovias para escoar minérios são construídas em terrenos difíceis, com a ajuda da juventude. Maior esforço é feito para o aproveitamento dos resíduos industriais e extensa luta é desenvolvida para elevar o nível de poupança das matérias-primas e dos combustíveis. Neste ano novas instalações petroquímicas serão inauguradas e a base siderúrgica será ampliada.

Um comércio mais amplo e mais variado leva todos os produtos até aos vilarejos mais longínquos. Os mesmos produtos que são oferecidos no mercado de Tirana ou de qualquer cidade, podem ser comprados em qualquer lugar do interior da Albânia. Em um país pequeno, no qual 2/3 de suas terras são ocupadas por grandes montanhas, já se conseguiu que 85% das necessidades de alimentos fossem produzidos internamente. A elevação da qualidade é exigida também no campo da arte e da literatura. Um amplo movimento crítica a vulgarização, o elitismo, a uniformidade e o esquematismo nas obras artís-



O camarada Renato ao ser recebido pelo camarada Ramiz Alia.

ticas, procurando generalizar as experiências mais avançadas e criativas.

Economia estável

Em geral esses dados revelam o ritmo e o grau de desenvolvimento econômico e social da Albânia de hoje. Mas é importante frisar que tudo isso se faz com uma economia estável, sem inflação, sem desemprego e sem dívida externa. A característica essencial desse desenvolvimento econômico é que ele se realiza baseado exclusivamente na poupança interna, nas suas próprias possibilidades e condições concretas. Desse modo, a pequena Albânia mantém sua independência e soberania nacional, essenciais para a construção do socialismo, num mundo em que prevalece o hegemonismo e o expansionismo das superpotências. A Albânia não permite a existência de nenhuma

base militar em seu território, sendo isto um preceito constitucional, não faz parte de nenhum pacto militar na Europa e continua mantendo firme posição de independência em relação aos USA e à URSS.

Particularidades

Tudo isso expressa uma grande vitória do socialismo científico nas condições da Albânia. Exigiu e ainda exige gigantesca luta do PTA, da classe operária albanesa e de todo o povo.

Para melhor compreendermos a dimensão da luta pela construção do socialismo na Albânia, nada melhor do que

situar a consciência dos dirigentes albaneses, quanto às particularidades dessa construção. Eles apontam claramente dois aspectos fundamentais, particulares, na edificação da nova sociedade no mundo atual: a crise geral do sistema capitalista e o cerco capitalista-revisionista em todas as frentes. A Albânia não tem uma economia autárquica, mas ao contrário precisa comprar várias matérias-primas, insumos e produtos no mercado mundial para seu desenvolvimento econômico. Mantém um crescente trabalho para ampliar as relações comerciais. Entretanto, todos os países capitalistas desenvolvidos exportam inflação. Os preços de seus produtos no mercado internacional cresceram em até 10 vezes nesses últimos cinco anos. Por outro lado, na Albânia, os salários são estáveis e os preços têm que ser mantidos estáveis para não diminuir o poder aquisitivo dos trabalhadores. Assim, o Estado Albanês subsidia o aumento dos produtos importados.

Atualmente, tomando como referência o salário médio de 700 lekes, ganho por um trabalhador, quase 300 lekes são subsidiados, tornando o salário médio na realidade de quase 1.000 lekes. Essa realidade objetiva impõe um esforço ainda maior de toda a sociedade. A outra particularidade é que os países capitalistas-revisionistas buscam pressionar a Albânia, exercendo um cerco em todas as frentes. A Albânia luta tenazmente contra isso. Ela não tem nenhum interesse em se isolar. Hoje mantém relações diplomáticas com 101 países e intensifica o intercâmbio mundial em todos os domínios. Recentemente, contribuiu para a realização e participou da Reunião dos Ministros das Relações Exteriores dos países dos Balcãs, dando contribuição decisiva para a diminuição da tensão nessa região. Assim tem sido a sua política externa, e agora cada vez mais ativa e ampla, visando desbaratar o cerco de fora, para o avanço da construção do socialismo.

Coerência revolucionária

Podemos constatar que os êxitos do socialismo na Albânia residem na coerência revolucionária, marxista-leninista do Partido do Trabalho da Albânia, na continuação por parte dos dirigentes atuais, tendo o camarada Ramiz Alia à frente, da imortal obra de Enver Hoxha, fundador e criador do Estado socialista. Depende ainda de uma questão — chave que observamos e vivenciamos por parte de todos, desde o simples militante ou cidadão, até o mais alto dirigente — a unidade do Partido com a classe operária e todo o povo, a luta contra o burocratismo e a rotina, o estímulo à criatividade, a busca do novo e de novos métodos de trabalho que permitam livre curso ao ímpeto das massas. Esses são traços importantes da experiência do Partido e das massas na Albânia.

Intervenção Imperialista na América Central

O imperialismo norte-americano desencadeou nos últimos dias uma ofensiva política e militar na América Central que agrava ainda mais a tensão nessa área.

Em 18 de março 3.200 soldados norte-americanos desembarcaram em Honduras sob o pretexto de realizar "manobras conjuntas contra a penetração de soldados sandinistas em território hondurenho". Cnicamente o subsecretário de Estado norte-americano para assuntos latino-americanos, Elliot Abrams, declarou à imprensa que "os Estados Unidos poderão enviar mais tropas para Honduras". Ao mesmo tempo anunciava-se em Washington que o Congresso dos Estados Unidos deve aprovar nova ajuda econômica para os "contras".

O envio de tropas para Honduras representa uma nova escalada da política agressiva



Soldados norte-americanos desembarcam no território de Honduras para realizar provocações na fronteira com a Nicarágua

va do imperialismo norte-americano contra a Nicarágua e todo o processo revolucionário na América Central. Ao mesmo tempo que tenta criar pretexto para a invasão militar da Nicarágua, o governo norte-americano intensifica a pressão sobre o Panamá, através do bloqueio econômico e

das tentativas de golpe naquele país.

Esses fatos demonstram que o imperialismo norte-americano não convive com a idéia da soberania e da independência nacional e procura um caminho cada vez mais agressivo e militarista para impor seu ditame aos povos.

Comunistas Chilenos e Argentinos saúdam PCdoB

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
Ao Camarada João Amazonas
Queridos camaradas:

Na ocasião em que se comemora em 25 de março os 66 anos do glorioso Partido da classe operária brasileira, o Partido Comunista do Brasil, enviamos as nossas saudações cheias de entusiasmo proletário.

Toda vez que o Partido Comunista de algum país completa mais um aniversário, é motivo de alegria para o conjunto do Movimento Comunista e Internacional, já que isto nos mostra que se impediu a destruição de um partido marxista-leninista e isto, sem dúvida, nas atuais condições, é por si só um triunfo do proletariado sobre a burguesia, o imperialismo, o social imperialismo, os oportunistas e os revisionistas de todas as cores. Mas adquire uma relevância e um nível superior quando se trata do aniversário de um Partido como o Partido Comunista do Brasil que, guiando-se corretamente pelo pensamento sempre jovem e atual do marxismo-leninismo, não só resistiu com êxito à multifacética e gigantesca agressão ideológica, econômica e repressiva da reação e seus agentes, mas também avançou de forma exemplar na resolução de problemas cardinais para o ascenso revolucionário da classe operária e das massas populares.

Os membros do Partido Comunista Chileno (Ação Proletária) dedicamos especial atenção e extrairmos justos ensinamentos dos magníficos êxitos do irmão Partido Comunista do Brasil, mormente quando estes nos falam do profundo enraizamento do Partido nas amplas massas do povo brasileiro, e tudo isso sem disfigurar seu nítido perfil marxista-leninista.

Uma característica que não podemos esquecer e que se relaciona com o que dissemos anteriormente, é a consequência de aplicação do internacionalismo proletário na defesa dos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, no apoio à República Popular Socialista da Albânia e ao heróico Partido do Trabalho da Albânia com o camarada Ramiz Alia à frente. Nisso, camaradas, vocês souberam combater o revisionismo descarado e os "doutrinários" de esquerda.

Camaradas:
Com a certeza de que este novo aniversário será um grande estímulo para conquistar novos êxitos à frente da classe operária e do povo brasileiro, pela democracia e o socialismo, assim como pelo desenvolvimento e unidade do Movimento Comunista Internacional, despedimo-nos e enviamos um abraço.
Saudações comunistas,
Francisco Gonzales,
p/ Secretariado Político do Comitê Central do Partido Comunista Chileno (Ação Proletária)

Ao Diretório Nacional do Partido Comunista do Brasil
Queridos camaradas:
Ao se completarem 66 anos da fundação de vosso Partido, em 25 de março, queremos nos fazer presentes com nossas mais calorosas saudações e os maiores desejos de êxito no desenvolvimento e no crescimento do P.C. do Brasil.

O caminho empreendido por vocês há mais de seis décadas tem sido repleto de dificuldades e da perseguição constante dos inimigos de classe que sempre pretendiam o aniquilamento e o desaparecimento das organizações verdadeiramente marxistas-leninistas. Vocês também tiveram que enfrentar os intentos de vários novos revisionistas para minar

seu espírito revolucionário com o objetivo de desviá-los do caminho justo. Apesar destas e de outras dificuldades que vocês tiveram de sortear, sempre souberam manter a clareza política e a pureza ideológica mantendo no alto, desta forma, a bandeira vermelha do marxismo-leninismo, como guia seguro em face de todos os ataques e como única garantia do triunfo final.

Hoje que o imperialismo novamente se enfurece com nossa dolorida América Latina, intentando frear a sangue e fogo os processos revolucionários e libertadores como na Nicarágua e El Salvador, ou como em nosso próprio caso com as manobras militares, de seus sócios da OTAN em nossas usurpadas Ilhas Malvinas, o vosso aniversário é um acontecimento de grande importância para os verdadeiros revolucionários e os marxistas-leninistas, a demonstrar que, apesar de todas as dificuldades, o futuro pertence aos povos e à revolução.

Queremos felicitá-los também porque, contra todas as manobras da burguesia pró-imperialista para evitar o desenvolvimento ininterrupto do PCdoB, vocês continuam acumulando forças na luta pela legalidade, pelo reconhecimento a nível nacional e pela consolidação do papel de vanguarda do povo brasileiro.

Despedimo-nos com a certeza de que continuarão percorrendo o glorioso caminho do marxismo-leninismo, único guia seguro para a verdadeira libertação dos povos e a revolução proletária.
VIVA O 66º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!
VIVA O ALBÂNIA SOCIALISTA!
VIVA O MARXISMO-LENINISMO!
Danilo Poni, pelo Grupo Marxista-leninista da Argentina.

Benin - Um regime que Tortura e Mata

No Benin (antigo Daomé), o regime chefiado pelo general Mathieu Kerekou assassinou sob tortura mais um opositor — o revolucionário Akpokpo Glele Rémi. Prosseguindo sua investida contra as liberdades democráticas prendeu o advogado Yansunnu Magloire. As forças políticas democráticas e revolucionárias do Benin, país localizado na África Ocidental, estão em campanha pela denúncia dos crimes do general Kerekou, pela libertação do advogado Yansunnu e pelo restabelecimento das liberdades democráticas no país. Abaixo publicamos trechos de dois Manifestos — do Comitê Cultural pela Democracia no Benin e da Frente Democrática e Antiimperialista do Benin.

No Benin pessoas são mortas sob tortura. Eis um fato revoltante que demonstra por si só a não existência de um Estado de Direito, civilizado e republicano no Benin, sob o reinado da barbárie e da selvageria codificada na Lei Fundamental. Com efeito, preso em 24 de dezembro de 1987 após 30 meses vivendo na clandestinidade, Akpokpo Glele Rémi foi assassinado sob tortura em 10 de janeiro de 1988 no comissariado central de Abomey. Através desse odioso crime, o general Kerekou pensa intimidar o povo do Benin mostrando que, para se aferrar ao poder, não se detém diante de nenhum limite.

O general Kerekou liquidou todas as liberdades políticas (de opinião, de associação, de expressão, de imprensa, de manifestação, de greve etc.). Todo aquele que reclama seus direitos é jogado nas prisões. Torturas atroz são praticadas nos detidos. A prisão de Akpokpo Glele Rémi, de Malehossou Bouraima, assim como o odioso assassinato de Rémi indicam a medida da vigilância que as pessoas clandestinas e as que lhes dão proteção são obrigadas a observar constantemente.

Em sua histeria repressiva a polícia política do general Kerekou prendeu no começo de janeiro deste ano o jovem advogado Yansunnu Magloire, atingindo assim pela primeira vez o setor dos advogados. A prisão arbitrária do Sr. Yansunnu interpela diretamente todo o corpo judiciário do Benin. A mobilização efetiva de todo o potencial de valores democráticos e liberais sadios nesse meio, no plano nacional como também no internacional, certamente contribuirá para fazer avançar a luta do povo do Benin pela conquista das liberdades políticas e individuais.

Atualmente, todas as camadas da população do Benin — exceto um punhado de aproveitadores — despertam e não suportam mais por longo tempo o reinado da selvageria e da barbárie.

É chegada a hora em que todo beninense responsável, deve se pronunciar claramente e se engajar concretamente contra os atentados às liberdades políticas e individuais no Benin, contra a forma autocrática de governo, pela forma republicana de governo, onde o povo gozando as liberdades fundamentais, assumam todas as responsabilidades.

Os democratas podem, com sua tomada de posição, ajudar a aumentar a pressão sobre o governo do general Kerekou no sentido de fazer respeitar os direitos do homem e as liberdades democráticas.

O Comitê Cultural pela Democracia no Benin.



Chegou a hora em que todo cidadão responsável deve se decidir e se pronunciar. É chegada a hora em que o silêncio se transforma em cumplicidade e a inação um apoio ao opressor e esfomeador do povo. É chegada a hora em que todo filho digno do país deve se levantar e agir.

Nosso país está à beira do caos e encontra-se arruinado em todos os domínios. Cada dia que passa o poder de Kerekou se afunda ainda mais no abismo. Todo o mundo se lembra da mistificação sem limites, das vergonhosas mentiras, dos atos criminosos de repressão perpetrados pelo poder durante 15 anos. As recentes decisões do Comitê Central do PRPB (Partido da Revolução Popular do Benin), com novas medidas de austeridade ditadas pelo FMI e de repressão aos direitos fundamentais

dos cidadãos à liberdade, indicam bem que Kerekou e seu poder falido não farão mais que amortalhar ainda mais o país e seus habitantes.

Mas as aspirações e as exigências do povo são claras. O povo quer um regime de liberdade política. Apesar da repressão selvagem, as lutas do povo nunca foram interrompidas e novas organizações políticas e democráticas tanto clandestinas como legais têm se consolidado.

A nova situação criada para o povo é tal que mesmo dignitários do poder, através do "Comitê ad hoc Encarregado do Balanço Crítico da Segunda Legislatura" acionado pela Assembléia Nacional Revolucionária, são obrigados a reconhecer "a inadequação das considerações ideológicas e políticas da Lei Fundamental com a etapa do Movimento Revolucionário de Libertação Nacional" (sic), portanto a nulidade de fato da atual Constituição.

Conseqüentemente, os atuais projetos de Kerekou e de seu poder de fortalecer a repressão com uma Lei Geral de Segurança do Estado e os enganos reformistas da ANR são inadmissíveis e inaceitáveis a toda consciência honesta e democrática.

Somente um novo regime político, que garanta a liberdade e a livre escolha pelo povo dos caminhos e meios de combater a crise, constitui o alvo imediato das lutas populares atuais. Este novo regime político necessita: 1) a demissão de Kerekou; 2) um governo escolhido pelo povo; 3) uma nova Constituição que garanta a liberdade política e reprima todo atentado aos direitos do homem.

Hoje o medo deve ser vencido. Hoje o amor à pátria, o sentimento de unidade e o espírito de sacrifício devem predominar. Mesmo aqueles que ontem serviram ao autocrata mas tomaram consciência de que estavam enganados, têm uma última chance de se reabilitar diante da pátria.

Abaixo Kerekou e seu poder despótico!

Avante pelo poder popular!
A Frente Democrática e Antiimperialista do Benin

Parlamentarismo-já e mandato de 4 anos

O deputado Haroldo Lima, líder da bancada do PCdoB na Assembléia Nacional Constituinte pronunciou no último dia 16 importante discurso defendendo a imediata implantação do parlamentarismo e eleições diretas para presidente da República 120 dias após a promulgação da nova Carta.

Haroldo discursou no Grande Expediente, num momento em que o plenário da Constituinte estava repleto de deputados. Foi calorosamente aplaudido e cumprimentado por dezenas de deputados parlamentaristas. A íntegra do discurso foi solicitada pelas lideranças na ANC e está sendo enviada pela assessoria do PCdoB não só às lideranças mas a diversos deputados, senadores e governadores.

A Assembléia Nacional Constituinte começará logo a votar o sistema de governo que deverá vigorar em nosso país.

A tese parlamentarista ganhou respaldo no meio político e a Constituinte poderá sufragá-la em pouco tempo. Seria a maior mudança na situação brasileira, que a Constituinte faria, a que traria maior repercussão para todo o nosso povo.

Por isso o debate político se acende e as forças vão sendo obrigadas a demarcar suas posições.

Os que defendem o presidencialismo no Brasil, em luta contra o parlamentarismo, começaram as suas iniciativas recentes sob o comando geral do presidente Sarney. Este, em rede nacional de TV posicionou-se, desde maio de 1987, pelo presidencialismo. Os chefes militares, que tradicionalmente usam o presidencialismo como suporte do militarismo, logo perfilaram-se em defesa desse sistema autoritário. Líderes como Humberto Lu-

cena, Marco Maciel, Jarbas Passarinho, Aureliano Chaves e Carlos Santana, todos de clara tendência conservadora, também enfileiraram-se com o presidencialismo. Este é o núcleo dinâmico e mais forte da frente presidencialista, o que tem voto na Constituinte, inclusive porque detém poder. A esse núcleo, direitista e reacionário, têm-se agregado o PT e o PDT, que em outras questões não têm ficado com a direita.

OS EQUÍVOCOS DO PT

O PT vinha tendo, em geral, posição moderada em defesa do presidencialismo. Dentro de suas fileiras, e especialmente na sua bancada, há forte tendência parlamentarista que, porém, não conseguiu se impor. Mas, recentemente, o seu líder, Luís Inácio Lula, em programa de televisão do partido e em matéria publicada em alguns jornais, mudou sua atitude e pôs-se a defender abertamente o presidencialismo. Emitiu algumas opiniões, contudo, que precisariam ser



O líder da bancada do PCdoB confia na vitória do parlamentarismo

corrigidas. Disse em seu artigo "Presidencialismo com Parlamento Forte" que "o parlamentarismo entrará em debate... como um arranjo improvisado para contornar dificuldades conjunturais". Que seria "um jeitinho brasileiro para contrabalançar cinco anos de mandato para Sarney". Isto, efetivamente, não é verdade. A proposta parlamentarista já estava sendo apoiada por muitos setores, estudada e discutida, quando Sarney resolveu "comunicar" à nação que ficaria cinco anos no governo. Até então não se sabia que Sarney trairia os compromissos assumidos por Tancredo e por ele próprio pelos quatro anos de seu mandato. Partidos, como o PCdoB, em publicação nacional de suas propostas à Constituinte, antes das eleições de 86, defendiam

e desenvolviam suas idéias sobre o parlamentarismo. O mesmo se deu com a Comissão Afonso Arinos, parlamentarista bem antes do início dos trabalhos da Constituinte, bem antes de Sarney tentar usurpar um ano a mais para seu mandato. A afirmação do deputado Lula carece, assim, inteiramente de fundamento.

AS INCOERÊNCIAS DE BRIZOLA

O PDT, ou mais especificamente, o seu presidente Leonel Brizola, tem sido forte defensor do presidencialismo há bem mais tempo. É certo que em 1955 Brizola era parlamentarista. Foi neste ano que, em aparte ao líder parlamentarista Raul Pilla afirmou: "o parlamentarismo faz-se mister; não podemos mais nos aventurar nesse regime presidencial que, para mim, não passa de um fantasma..." E arrematou: "o parlamentarismo é uma fórmula alta, capaz de operar a verdadeira união nacional".

Tendo abandonado a opinião que tinha em 1955, o que em si não é censurável, Brizola, ao combater hoje o parlamentarismo, expõe, entretanto, argumentos que não têm qualquer cabimento. Depois de considerar que "o povo brasileiro hoje sofre duas ameaças gravíssimas", diz que "a primeira é o cerco que o governo faz à Assembléia Nacional Constituinte" e que a segunda, na sua opinião "a mais grave", é a que provém dos constituintes que querem votar o parlamentarismo, que "querem cassar o povo" (ESP-06/03/88). No chamado "tijolão" do mesmo dia ele aponta o que chama de "monstruosa intenção de extinguir o voto direto, através da implantação do parlamentarismo..." Assim, com uma displicente penada, a provável maioria da Constituinte é tida como possuída da "monstruosa intenção de cassar o povo", segundo o ex-governador Brizola. Na linguagem popular isso é o que se chama "apelação", exagero berrante sem compromisso com a verdade.

ACABAR O AUTORITARISMO

Na verdade, os parlamentaristas querem em primeiro lugar pôr fim no Brasil ao regime presidencialista existente, autoritário, imperial e anacrônico. Querem acabar com o regime que, na síntese de Afonso Arinos "em 100 anos de república, deu-nos 54 anos de violências sem lei, de governos opressivos, de degradação de caráter, às vezes de vergonha nacional". Querem definitivamente acabar com o tipo de sistema de governo, o presidencialismo, que no mundo de hoje só vigora com relativo sucesso em um país, os EUA, em circunstâncias absolutamente especiais, inteiramente desconhecidas entre nós. Querem extinguir o sistema que, mau copiado dos americanos, serviu no Brasil ao desenvolvimento da concepção militarista, utilização política das Forças Armadas à frente do Estado brasileiro, do intervencionismo descarado, a serviço de interesses de classes e de grupos. Querem, finalmente, extirpar do país o regime que é fonte de crises, a própria crise, a escola de ditadores".

A idéia de que o que não funcionou durante um século dará certo nos próximos 4 anos encerra uma visão idealista, divorciada da análise objetiva. Parte da supervalorização dos presumíveis dotes de algum iluminado ou predesi-

nado que estaria por vir, para salvar o país. Evidentemente tal raciocínio é inteiramente despropositado.

A substituição do presidencialismo pelo parlamentarismo corresponde à substituição de um regime autocrático centralizador, ineficaz, por um mais democrático, moderno e mais aberto à participação popular.

Como marxista, não acho que o parlamentarismo seja o sistema de governo mais avançado. A forma política que melhor corresponde ao socialismo é a democracia popular, que já conheceu algumas variantes na história desde a Comuna de Paris. Entretanto, nos marcos do capitalismo, o sistema político mais democrático, que permite maior intervenção popular e assegura ao povo maiores direitos é o parlamentarismo. Está claro que o parlamentarismo também não pode ser visto como uma panacéia, nem algo pronto a ser transplantado. O esforço que a Constituinte está fazendo é justamente o de adaptar as características gerais do parlamentarismo às condições concretas do Brasil.

Característica geral que deve ser preservada inteiramente é a que permite ao Parlamento derrubar o governo. Reside nisso um dos principais direitos que o parlamentarismo traz. No presidencialismo, só as Forças Armadas, através de golpe, podem derrubar um governo. No parlamentarismo, um governo incompetente, corrupto e entreguista pode desencadear tal rejeição popular que o povo, através do parlamentarismo, sensibilizado pela movimentação popular, pode, legalmente, destituir o governo.

DIRETAS EM 88

Traço característico que decorre da tradição brasileira e do anseio imediato da população é a eleição direta para presidente da República. O presidente assim eleito não poderá ficar com poderes muito limitados, como a rainha da Inglaterra, como jocosamente dizem alguns. Terá que ter poderes maiores, como está na emenda Egídio Ferreira Lima, que prevê, entre outros, a possibilidade de o presidente exonerar o chefe do governo, o primeiro-ministro, dissolver, em certas circunstâncias, a Câmara dos Deputados e mais 22 outras importantes atribuições. Se alguns acham isso pouco é porque estão acostumados e sonham com o presidencialismo imperial. Na verdade, sonham com um trono!

Intimamente relacionado com o sistema de governo a ser aprovado pela Constituinte está a questão do mandato do atual presidente. É que o Sr. Sarney assumiu, há um ano, a direção de uma campanha enérgica que travou em função de dois objetivos: a manutenção do sistema presidencialista de governo e cinco anos para seu mandato. Em consequência transformou-se em ferre-

nho adversário do parlamentarismo que vê como um regime que lhe retirará poderes que julga não poder dispensar. Sabemos que na luta por esses dois objetivos Sarney tem agido como um obstinado, ou possessivo. Intrometeu-se diversas vezes na vida da Constituinte, ameaçou, chantageou, patrocinou corrupção e troca de favores, especialmente com o seu ministro Antônio Carlos Magalhães, tentou armar lobbies de governadores e de militares, tudo para conseguir cinco anos de mandato e a continuidade do presidencialismo no Brasil.

Em decorrência dessas posições e procedimentos Sarney transformou-se em ferrenho adversário do parlamentarismo, além de usurpador de tempo de mandato não conquistado. Assim, esse aspecto aparentemente secundário do mandato de um presidente epistólico passou a interferir sobremaneira na decisão estrutural da implantação do parlamentarismo no Brasil. Porque, se passa o parlamentarismo e se ficam cinco anos para Sarney a consequência é inevitável: Sarney terá oportunidade, no poder, de desmoralizar, desacreditar, sabotar de fato o novo sistema implantado. Parlamentarismo com cinco anos significa na prática não ao parlamentarismo.

Por essa razão são completamente inaceitáveis os termos de um acordo que estaria sendo forjado na base do binômio parlamentarismo e cinco anos. O PCdoB jamais participará de um acordo deste tipo, que deixa exalar o cheiro de uma traição.

O parlamentarismo com quatro anos é uma imposição da atual situação brasileira que exige mudanças efetivas. Não se trata de nenhum radicalismo extemporâneo. Na realidade, a simples implantação do parlamentarismo traz algumas exigências mínimas. Uma é que ele seja implantado logo. Na história do Brasil toda lei que não é logo aplicada perece, morre. Outra exigência é que não se deixe à frente dos destinos do país por um tempo arbitrariamente alongado, um presidente disposto a aniquilar a decisão soberana da Constituinte. Parlamentarismo já é a imposição que resulta do quadro atual brasileiro, na ótica progressiva.

Por último, desejaria dizer que o meu Partido, o PCdoB, tem a opinião de que mesmo os 4 anos para Sarney constituem um tempo muito longo e, portanto, não se justifica. O PCdoB tem uma emenda, assinada por mim, que defende eleição direta para presidente da República quatro meses após a promulgação da nova Carta. Vamos lutar para fazer aprovar esta emenda por estarmos certos de que é o melhor para o povo brasileiro, embora possamos, se não a tornarmos vitoriosa, vir a apoiar o mandato de quatro anos. Fora disso seria cometer grave erro.

Lídice e Jandira

As mulheres vão à luta

A campanha para as eleições municipais de novembro de 1988 ainda não esquentou, mas algumas candidaturas já estão nas ruas e na boca do povo. É o caso de Jandira Feghali, deputada estadual mais votada do Rio de Janeiro cujo nome está sendo lançado para disputar a prefeitura da capital carioca, e de Lídice da Mata, deputada federal pela Bahia, em campanha para a prefeitura de Salvador.

Arco Progressista

"Minha candidatura não é um projeto exclusivista do PCdoB, mas uma proposta de unidade em torno de bandeiras progressistas a serem levantadas pela Frente Salvador", assegura Lídice da Mata. Segundo a deputada do PCdoB, a Frente Salvador é uma articulação das forças democráticas e progressistas da capital baiana, que visa a viabilização de uma candidatura capaz de derrotar a direita e os populistas, que através de um discurso atrasado de luta contra os políticos e do clientelismo vulgar, querem impor o conservadorismo".

Várias iniciativas estão sendo articuladas para garantir a elaboração de uma plataforma democrática, como um Seminário para discutir a atual gestão e para a apresentação de propostas que busquem solucionar os problemas centrais da cidade. A idéia básica é "promover a participação popular na elaboração dos projetos, coisa que não foi assegurada pela atual gestão", afirma Lídice, que considera a receptividade obtida até agora pela sua candidatura no seio da população e na opinião pública progressista em geral, "uma resultante da necessidade que todos sentem em Salvador de uma candidatura que incorpore a idéia da mudança".

Lídice da Mata não desvincula sua candidatura dos problemas políticos centrais do país. "Na Frente Salvador, diz, há uma clara maioria de forças que lutam

pelo parlamentarismo e por diretas para presidente em 88 e uma unanimidade na determinação de transformar Salvador numa trincheira da luta pelas mudanças políticas no Brasil e de, na Bahia, derrotar o carlismo".

Com a mulher, negros e jovens

Lídice irá à luta eleitoral, tal como fez em sua campanha para vereadora em 1982 e para deputada federal em 1986, levantando também as reivindicações femininas, a começar pela "reorganização do Conselho Municipal da Mulher, que foi marginalizado pela atual gestão". Para Lídice "é preciso que o Conselho da Mulher intervenha politicamente e promova a participação da mulher". Duas outras preocupações fundamentais de Lídice se referem à "valorização da cultura negra e ao desenvolvimento cultural". Lídice da Mata, cujo eleitorado é basicamente jovem, se empenhará também no alistamento eleitoral para garantir a ativa participação do jovem de 16 anos que adquiriu agora o direito de votar. Na plataforma de Lídice da Mata estão questões muito sentidas pela população de Salvador como saneamento e transporte de massa, para os quais "a atual gestão não encontrou soluções apropriadas, porque não promoveu a discussão ampla desses problemas com o conjunto da população".

Contra conservadores e populistas

Lançada oficialmente no último dia 20 pela Convenção do Partido no Rio de Janeiro, a candidatura de Jandira Feghali criou um fato político novo. Jandira também insiste em dizer que sua candidatura "não é um projeto exclusivista do PCdoB. Ela considera que "na atual conjuntura é importante o Partido Comunista do Brasil oferecer uma alternativa política no campo democrático e popular". A deputada estadual mais votada no Rio de Janeiro aponta um rumo que vai além das considerações meramente eleitorais. "É preciso, diz, chegar às amplas camadas populares e apresentar perspectivas de transformações políticas e sociais". Analisando o quadro poli-

Espaço conquistado

Jandira garantiu sua expressiva votação nas eleições de 1986 pela combatividade e eloquência com que levantou os problemas mais sentidos da população carioca. Obteve uma votação maciça entre as mulheres e, avaliando o que fez em pouco mais de um ano como deputada estadual, acha que "o mandato já mostrou um grande espaço conquistado com essa parte da população". Por isso Jandira acha que pode continuar conquistando muitos êxitos junto ao eleitorado feminino, pois "além de ser a única mulher candidata no Rio de Janeiro, pertenço a um Partido que prioriza a questão da mulher. Vou levantar na minha campanha dois problemas bastante sentidos pela mulher carioca — a falta de creches e a violência sexual".

Outro setor em que Jandira pretende continuar atuando com sucesso é o cultural-artístico. Já estão em curso várias articulações para garantir a participação da intelectualidade na campanha, segundo informa a assessoria de seu gabinete.

Problemas do Rio

Os organizadores da campanha de Jandira Feghali estão articulando a formação de grupos de estudo e de trabalho para auscultar os diversos setores da população no sentido de elaborar uma plataforma e um programa de trabalho. São muitos os problemas que vêm à tona. Jandira acha que "a recente calamidade que assolou a cidade suscitou grande discussão sobre a questão ecológica. Por isso a preservação do equilíbrio ecológico e reivindicações específicas como drenagem de rios, saneamento básico, defesa do verde e luta por uma cidade mais humana, que vão constar de minha plataforma, são muito sentidas pela população carioca".



Lídice e Jandira dão arrancada para as eleições deste ano

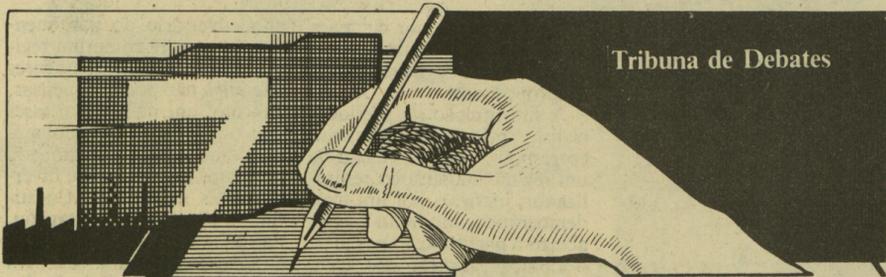
Bancada combativa e atuante

A bancada do PCdoB na Assembléia Nacional Constituinte é uma das mais atuantes. Desde a fase inicial dos trabalhos constituintes os deputados do PCdoB têm se destacado pela combatividade e eficácia, apresentando propostas, emendas e destaques sobre todos os temas constitucionais. Nesta fase final, de votação em plenário, a bancada do PCdoB conseguiu aprovar oito destaques. Apesar da limitação regimental para a apresentação de destaques, o PCdoB procurou selecionar os temas pelos quais lutaria para aprovar, de modo a abordar o maior número de questões importantes, seja do ponto de vista político, seja do ponto de vista social e dos direitos individuais.

lo inviolável do cidadão. * estabelece que qualquer cidadão pode propor ação popular. * estabelece piso salarial. * fixa em 6 horas a jornada de trabalho para turnos ininterruptos. * estabelece a liberdade e a unicidade sindical. * aumenta o número de vereadores nos municípios entre 1 e 5 milhões de habitantes. * estabelece a revisão salarial entre servidores civis e militares com os mesmos índices. * estabelece o direito de voto aos 16 anos. Algumas dessa emendas foram aprovadas através do mecanismo de fusão com emendas de parlamentares de outros partidos e outras isoladamente. Um detalhe importante da atuação de nossa bancada: até agora nenhum constituinte do PCdoB votou em nenhuma votação.

COM
 Centro de Documentação e Memória
 Fundação Maurício Grabois

Tribuna de Debates do 7º Congresso do PCdoB



Este é o segundo número da TRIBUNA DE DEBATES, órgão destinado à exposição das opiniões dos militantes sobre os documentos básicos do Congresso. A proporção que esses documentos vão sendo estudados e que se intensificam os debates

preparatórios do 7º Congresso nas fileiras partidárias, cresce o número de camaradas que mandam artigos contendo suas opiniões. Alguns artigos foram divididos em duas partes porque ultrapassaram em muitas linhas os li-

mites especificados no Regulamento. A participação é muito importante porque enriquece a discussão. Os artigos para o próximo número da TRIBUNA DE DEBATES deverão ser entregues na Sede da Direção Nacional até o dia 01 de abril.

A LUTA POR UM SINDICALISMO CLASSISTA E UNITÁRIO

1ª parte*

Sérgio Barroso - Diretório Regional de Alagoas

1. "Em virtude da "influência hostil externa" e com o objetivo de evitar "tendências antio-perárias dentro dos sindicatos" o Congresso determinou que "nas associações de resistência não se pode admitir empresários ou outros elementos não trabalhadores". (Resolução sobre filiação dos sindicatos, I Congresso Operário Brasileiro, abril de 1906).

A História do movimento operário-sindical brasileiro é repleta de ensinamentos sobre a longa trilha de combates travados pela unidade em meio à batalha permanente por uma orientação classista. Atravessa ainda toda uma jornada incessante de luta contra a exploração capitalista.

Nos três primeiros Congressos Operários (1906, 1913 e 1920), por exemplo, seguiu-se a luta entre "reformistas" e sindicalistas de "esquerda" (de influência anarco-sindicalista); entre a continuidade da linha de Ação Direta, Anarco-Sindicalista, e a tentativa de criação de uma Confederação do Trabalho patronal e reformista (1912, que levou à reorganização da COB em 1913); e, a mais renhida, entre os agrupamentos considerados socialista-comunistas, anarquistas-comunistas, anarquista-libertários, marxistas-internacionalistas em oposição aos anarquistas "puros" e aberta reformistas pregadores do "apartidarismo", da "neutralidade". O Congresso de 1920 aprova uma "saudação fraternal ao proletariado russo, que tinha levantado bem alto a chama viva da Revolução, abrindo com esta o caminho da felicidade e libertação dos trabalhadores de todo o

mundo". Da defesa da jornada de 8 horas diárias, de maneira organizada e fundamentada (1906), passando pelo apoio concreto à Revolta da Chibata (1910) às barricadas e luta armada entre policiais e operários em SP na Greve Geral de julho de 1917, profundamente influenciada pela Revolução Russa, esse período é marcado pelo ascenso de um sindicalismo combativo e ao mesmo tempo pela deterioração da concepção anarquista. Papel decisivo nesse sentido coube ao Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922.

A partir da segunda metade da década de 20, três tendências disputam a direção do movimento sindical: a sindicalista (anarquista de "esquerda"), a reformista de direita e a comunista. Foi levantada a bandeira de um centro sindical único quando os comunistas tornaram-se a força principal da I Confederação Geral dos Trabalhadores, criada em 1929, em abril, RJ, em meio a um novo ascenso grevista, onde destaca-se a paralisação de 6.000 gráficos em SP, por três meses. O congresso de fundação teve como centro a luta contra o reformismo, onde seus adeptos se recusaram a integrar a Central juntamente com setores católicos; a CGT incorporava em suas fileiras militantes anarquistas e sindicalistas de "esquerda" em aliança com os comunistas.

No período turbulento que tem como marco a chamada Revolução de 30, a CGT passa a atuar clandestinamente. A busca da unidade e da reorganização da articulação nacional tem como desdobramento a realização do Congresso Sindical da Unidade e a criação da Confederação Sindical Unitária em abril-maio de 1935. Com 400 sindicatos re-

presentados de 11 Estados, a CSU derrota então a nova casta de dirigentes sindicais pelegos e burocratas a serviço do getulismo, mesmo não significando a superação da divisão e do paralelismo. Em SP, por exemplo, atuavam à margem a Federação dos Trabalhadores da Indústria, a União dos Proletários e a antiga Federação Operária, de forte orientação anarquista. A CSU deu apoio público à ANL.

Após a Ditadura do Estado Novo, período de perseguição aos comunistas e antifascistas e o fechamento em massa de sindicatos, o MUT — Movimento Unificador dos Trabalhadores, rearticula o movimento sindical em abril de 1945. Posicionando-se pelo desatrelamento dos sindicatos do Estado, direito de greve e por uma Central Unitária. O MUT teve papel decisivo na organização do Congresso que fundou a Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil, CGTB, com a participação de 2000 delegados e 800 sindicatos (cerca de 400 delegados eram comunistas). Dessa vez, o próprio Ministro do Trabalho, Negrão de Lima, interferiu direta e abertamente. Dutra e Negrão se surpreenderam como o apoio de cerca de 5% apenas dos delegados às posições claramente governistas. O Ministro ordenou a retirada dos delegados direitistas e a dissolução do Congresso, que continuou os trabalhos. Negrão e os direitistas criam e reconhecem como única uma Confederação Nacional do Trabalho. Em maio de 1947 a CGTB foi fechada, processaram-se eleições forçadas em mais de 400 sindicatos e os comunistas foram perseguidos e expulsos das entidades.

* A parte final será publicada no próximo número.

A CGT em questão 1ª parte *

Renildo de Souza - Diretório Regional da Bahia

O Partido defende intransigentemente os interesses dos trabalhadores, levantando as propostas mais avançadas; reforçando e apoiando as formas de luta mais amplas e radicais; batendo-se contra o peleguismo de um lado e contra o aventureirismo de outro; marcando presença nas lutas atuais, sem perder de vista as grandes e decisivas batalhas do futuro. Assim atua o partido junto à classe operária e aos trabalhadores em geral.

Então, como é possível, como se explica que exatamente na frente operária e sindical, o nosso Partido APRESENTE-SE AOS TRABALHADORES portando a bandeira esfarrapada da CGT? São duas coisas antagônicas. O Partido nunca correu da luta. Mas a CGT notabiliza-se pela política de colaboração de classes. A rota bandeira da CGT envergonha, abate, constrange, confunde a nossa aguerrida militância na importante frente sindical.

É claro que ninguém está confundindo partido político com central sindical. Falamos da tática de levar a militância operária e sindical do PC do B para participar e respaldar a pelega CGT.

"A PRÓPRIA SITUAÇÃO POLÍTICA DO PAÍS EXIGE A ELEVAÇÃO DO NÍVEL DAS LUTAS OPERÁRIAS E SINDICAIS". Em 1980, o Partido proclamou este entendimento diante do ascenso do movimento grevista (greve dos 40 dias do ABC). Mantém-se a correção e a justeza desse entendimento nos dias atuais. Hoje, por um lado, agrava-se a crise política, econômica e social do país, e, por outro, amplia-se a luta dos trabalhadores (cerca de 10 milhões de grevistas em 1987). O descontentamento e a insatisfação grassam entre os trabajado-

res. Há até mesmo uma certa frustração política no meio do povo. Uma revelação importante é o crescimento do prestígio do sindicalismo, como atesta a pesquisa do IBOPE/ISTO É, do final do ano passado, que colocou os sindicatos em primeiro lugar (38,4%) na confiança do povo. O governo submeteu-se ao FMI e acentua o arrocho salarial. Então não é possível atuar no curso dos acontecimentos políticos, enfrentar essa conjuntura política, desfaldando a bandeira da central sindical dos "panos quentes", da acomodação, da conciliação, da negociação pela negociação, da falsa unidade etc.

A tática sindical do Partido está na contramão em relação à nossa tática política geral. O Partido desenvolve uma política de oposição clara, aberta e frontal à Nova República. Portanto, a tática sindical deve ser atualizada já. Por que continuar no campo da CGT? A CGT, na prática, é governista: negou-se a abraçar a luta por diretas-88 para presidente da República, na Plenária Nacional, realizada em julho de 1987, em Brasília. No dia 26/03/88, a CGT estadual de São Paulo (principal centro operário do país) realizará uma plenária que não abordará a luta por Diretas-88.

Enquanto nas bases os sindicatos denunciavam o Centrão, a CGT resolvia negociar com esse agrupamento radical antitrabalhador. Desde julho de 1987 que Magri e Medeiros aparecem na imprensa nacional falando contra a estabilidade no emprego e a jornada de 40 horas. Atualmente, o Joaquinção, presidente da CGT, e Calixto Ramos, presidente da CNTI e vice-presidente da CGT, argumentam em favor do acordo Covas-Centrão, por meio do qual foi rejeitada a tímida garantia contra a demissão imotivada,

aprovada anteriormente na Comissão de Sistematização da Constituinte. É sistemático que Joaquim seja um seguidor de Covas, seu 2º suplente no Senado e membro do Diretório Nacional do desgastado PMDB.

Agosto 83

Em agosto de 83 realizou-se importante encontro nacional de entidades sindicais, na sede da Contag, em Brasília, em contraposição ao processo setorial e partidário que conduziria à fundação da CUT ainda no final daquele mês, em São Bernardo do Campo, sob a hegemonia petista.

No encontro das entidades o assunto mais discutido era o artigo 8º do regimento interno da 2ª CONCLAT. Esse artigo regimental possibilitava a realização de reuniões e escolha de delegados ao Congresso, independentemente da estrutura sindical, nos casos em que a diretoria da entidade se recusasse a convocar a mencionada reunião e participar do processo do II CNCLAT (Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras). Esse Congresso já era para ter sido realizado em agosto de 82, como deliberou a 1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, 1ª CONCLAT, em 1981, em Praia Grande. Os pelegos, os sindicalistas rurais e os militantes do PCB e do MR-8 inviabilizaram a realização do II CONCLAT em 1982, alegando que não era possível conciliar a efetivação do Congresso com o processo político das eleições gerais de 15/11/82, inclusive para governadores. Como se vê, tratava-se de uma argumentação insustentável. Afinal, foi efetivamente marcado o II CONCLAT para agosto de 83, em São Paulo, com o objetivo de fundar a CUT. Mas as dificuldades eram grandes e o Art. 8º foi o estopim da divisão.

* A parte final será publicada no próximo número.

Acerca do Movimento Sindical

Emanuel Souza de Jesus Comitê Distrital da 8ª Zona-Salvador-BA

O agravamento da crise econômica e a crise política em curso no país exigem do movimento sindical um novo patamar de atuação. As dificuldades de unificação das lutas das diversas categorias, que reforçam o corporativismo e o economicismo, bem como a divisão no seio do movimento, representam entraves que precisam ser vencidos.

A política sindical do PCdoB, justa na sua essência, tem contribuído para o crescimento das lutas e o nosso enraizamento no setor. A defesa ferrenha de um sindicalismo classista, unitário, democrático e de massas, assim como a prioridade para a organização dos trabalhadores em seus respectivos locais de trabalho (comissões por empresas), sem estabelecer paralelismo sindical, atuando por dentro das entidades e fortalecendo-as, mostrou-se, na prática, coerente e acertada.

Em consonância com esta política estruturamos a CGT de forma representativa e aprovamos em seu Congresso de fundação um programa e estatutos consequentes. Foi uma posição correta pois o divisor de águas do Movimento sindical naquele momento era a luta entre a unicidade sindical e o pluralismo defendido pela CUT. No entanto, a cúpula da CGT, pelega e fisiológica, encaminhando no sentido da conciliação e do "sindicalismo de resultados", ligando-a ao que há de mais reacionário no sindicalismo mundial. Por outro lado, neste período

a CUT avançou, estruturou-se, cresceu em prestígio e, em certa medida, passou a ter uma política mais ampla.

Atualmente, após a vitória obtida na Constituinte com a aprovação da liberdade e autonomia sindical, preservando-se o princípio da unicidade, penso que o novo e principal divisor de águas passa a ser a contradição entre o sindicalismo de colaboração de classes contra o sindicalismo de luta e de organização dos trabalhadores. Neste sentido, a despeito de toda a nossa intervenção, não há como negar que a CGT inclina-se para o primeiro enquanto a CUT se coloca no campo do segundo, mesmo considerando nesta a presença de toda a espécie de oportunistas.

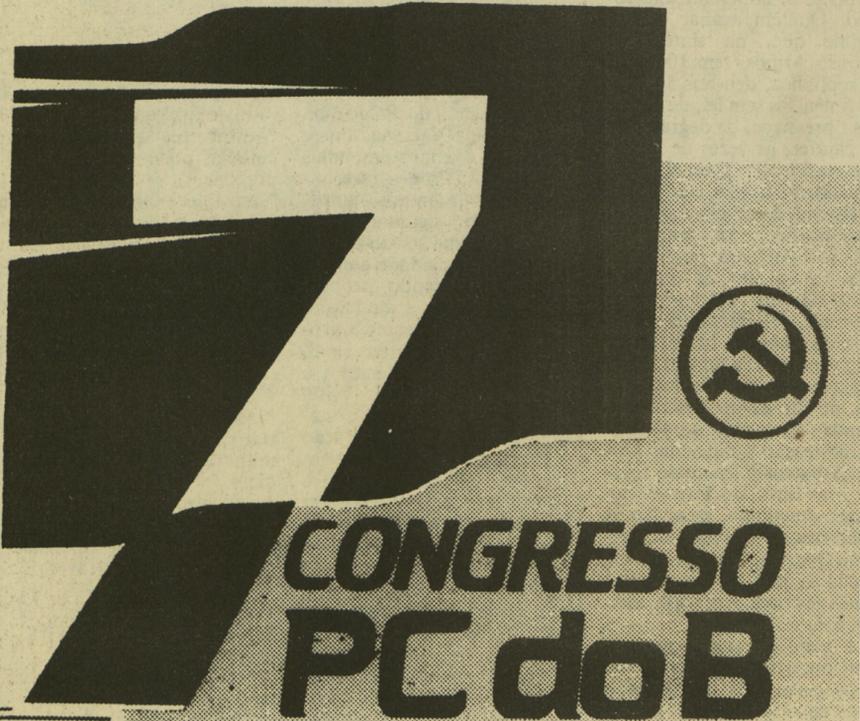
Desta forma, para cumprir a política expressa desde o documento "Por um Movimento Operário Unido, Combativo e Consciente", que mantém a sua atualidade, devemos dirigir a nossa ação sindical, em plano nacional, em direção à CUT, denunciando veementemente a ação nefasta da cúpula da CGT e buscando implodir-la. Este será o caminho da reunificação do que há de combativo no movimento sindical brasileiro. Restará da CGT apenas seus escombros, ela será rapidamente esvaziada como o é a USI.

Porém, o rompimento com a CGT deverá ser dar de forma política e transparente para as amplas massas, bem como o processo de aproximação da CUT, mantendo sempre a nossa fisionomia própria. Será uma tarefa árdua. O sectarismo terá de ser vencido. A luta ideológica se tornará mais

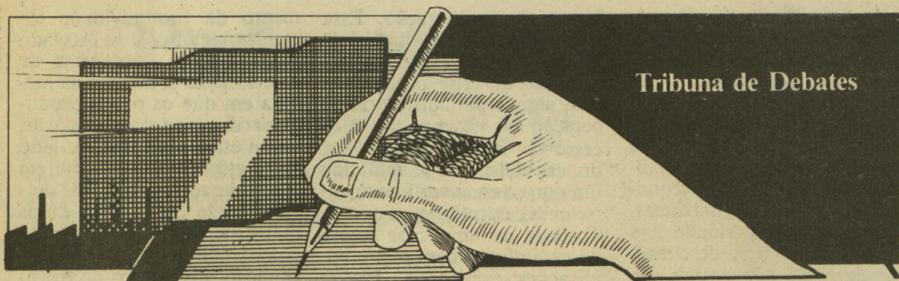
complexa e teremos de enfrentar os ataques raivosos de setores anticomunistas emperdedidos, aí incrustados. Não poderemos assumir uma postura defensiva de baixar a cabeça. Não temos nada a nos envergonhar de nossas posições, que se mostraram justas no dia a dia e, se agora optamos por um novo realinhamento frente às Centrais, o fazemos devido ao avanço da luta de classes.

O rompimento com a CGT parece inevitável e ficarmos soltos, à margem da luta geral, seria um erro grave. Devemos abrir o nosso espaço de atuação dentro da CUT. Ele será garantido na medida da nossa penetração nas bases e por certo crescerá pela aplicação de nossa justa concepção sindical e pela nossa competência em fazer política.

Nós, comunistas, nunca escolhemos área de atuação, enfrentamos todas que a realidade objetiva pôs à nossa frente, das selvas do Araguaia aos corredores do Congresso. Sempre vencemos os desafios com abnegação e sagacidade e por certo seremos bem-sucedidos em mais esta tarefa. Romper com a CGT, avançar na luta por um sindicalismo classista, democrático, unitário e de massas, aproximando-nos da CUT e combatendo dentro desta as posturas oportunistas ou equivocadas. Elevar as lutas sindicais a um novo patamar, unificando-as e imprimindo-lhes o caráter político contra o governo Sarney e o Centrão. Acima de tudo, crescer o PCdoB no movimento sindical, única força capaz de dirigir-lo com consequência revolucionária. Estas são as nossas tarefas do momento.



São Paulo/1988



Em busca da Construção de uma nova concepção no movimento Operário e Sindical - 1ª parte *

Hormindo Júnior - Comitê Municipal - Contagem/MG

O papel da Classe Operária brasileira na luta de classes a nível internacional produz uma reação do imperialismo e o conseqüente investimento deste no movimento operário e sindical do nosso país.

As duas potências imperialistas, EUA e URSS, se fazem presentes no movimento operário brasileiro basicamente através das Centrais Mundiais sindicais existentes no país. Sua ação compreende uma vasta rede de atuação que vai desde promoção de cursos, palestras, encontros, financiamento de chapas para a disputa de sindicatos, até a formação de quadros que ideologicamente se articulam com seus princípios.

A ação imperialista encontra eco nas concepções oportunistas e atrasadas presentes no seio do movimento operário brasileiro. A concepção e a ação destas correntes que objetivamente se prestam ao papel de agentes da burguesia, caracteriza-se pela postura teórica e prática de desenvolvimento pacífico, evolutivo e gradual do sistema, esperando com isso conquistar uma melhor situação de vida para os trabalhadores a partir da idéia de que, através da democracia burguesa, resolver-se-á no âmbito do Estado burguês os conflitos entre as classes. Esta forma de pensar tem bases objetivas e ajuda a burguesia na manutenção do capitalismo e na tentativa de corromper a consciência de classe do proletariado, desviando-o do caminho de sua emancipação.

Nosso Partido, guiado pela ciência Marxista-Leninista e por seu objetivo revolucionário de conquista do socialismo científico a partir da ação das massas organizadas e cons-

cientes do seu papel revolucionário, compreende que a organização sindical para ser forte, combativa e unitária, condição sine qua non para que a classe operária e os trabalhadores explorados e oprimidos pelo capital possam enfrentar os seus seqüazes, é fundamental que a estrutura sindical esteja assentada no princípio da unicidade sindical.

A luta pela Unidade do movimento sindical brasileiro tem de ser permanente.

"Esta unidade tem de ser construída com perseverança e amplitude. Não é uma soma-tória das várias tendências de cúpula, que pretendem representar o proletariado. Seu referencial é a base, as massas e o seu intuito é fazer avançar o movimento operário." (Por um Movimento Operário Combativo Unido e Consciente — Doc. do C.C.)

Com a necessidade de levar uma concepção revolucionária, verdadeiramente socialista como a do PCdoB para o movimento operário e sindical, torna-se imprescindível a criatividade e a perspicácia na ação política e nas formas de organização para a implementação prática desta conduta.

Muito se discute sobre as formas para construir no movimento operário e sindical uma Corrente de Opinião que tem por base a compreensão revolucionária e transformadora da sociedade.

Mais recentemente, nosso Partido tem incentivado a formação de "tendências" no movimento operário e sindical, no intuito de formar uma corrente de opinião no seio do movimento operário. Tentativas deste tipo estão em andamento no Rio de Janeiro através da "Garra Metalúrgica" e mais recentemente em São Paulo com a "União Metalúrgica" e em Contagem MG

com a "Rumo Metalúrgico". Muitas dúvidas surgem desta ação. Quais seriam as formas de viabilização dessa "tendência" ao nível de cada categoria e quais as dificuldades até agora encontradas?

Resumiria aqui algumas dúvidas:

- É atividade paralela ao sindicato?
- É oposição sindical quando fora da direção do sindicato?
- A "tendência" deve ter estrutura própria, sede, boletins etc.?
- E depois que ganha o sindicato?
- Quais seriam os principais objetivos?
- É a militância sindical quando fora da direção do sindicato? Deve ser na "tendência"?

Lênin, grande dirigente da revolução russa de 1917 nos ensina o seguinte:

"Deve-se trabalhar obrigatoriamente onde estejam as massas. É preciso saber fazer toda a sorte de sacrifícios e vencer os maiores obstáculos para realizar uma propaganda e uma agitação sistemáticas, tenazes, perseverantes e pacientes exatamente nas instituições, associações e SINDICATOS, por mais reacionários que sejam, onde haja massas proletárias e semiproletárias" (Lênin in "O Esquerdismo Doença Infantil do Comunismo").

Portanto, não é fora, mas dentro do sindicato que devemos atuar e canalizar nossa ação política. Ao formar uma Corrente de Opinião no movimento operário quando fora da direção do sindicato, de forma nenhuma devemos voltar nossa ação para uma postura paralela à entidade que deve ser única ao nível da categoria.

* A parte final será publicada no próximo número.

Acabar com as deficiências na Agitação e Propaganda: desafio ao Partido

José Augusto Mochel
Diretório Distrital
Sudeste São Paulo-SP

Dentro de um quadro de agravamento da crise brasileira, com perspectiva de grandes choques de classe, é preocupante constatar que o setor de Agitação e Propaganda da DN é o mais débil, não organizado e trabalha de maneira espontânea. Tal fato é grave, na medida em que pode impedir que nosso partido jogue o papel que lhe compete como vanguarda proletária no Brasil: ganhar e dirigir as grandes massas no caminho de um regime democrático e popular, rumo ao socialismo.

Agitação e Propaganda é trabalho que exige especialização, necessitando estudo e sistematização das experiências concretas. A formulação de corretas palavras de ordem é uma das suas tarefas. Nossa formulação eleitoral: "Governo de co-responsabilidade" (para defender o parlamentarismo) a meu ver foi confusa, difícil até para os militantes do partido. Confundi o conteúdo secundário (detalhamento do tipo específico ou Parlamentarismo que defendíamos) com o principal que era como é "Parlamentarismo". Houve por isso dificuldade em levar ao povo nossa proposta.

Nossa imprensa, ao contrário do que diz o documento, a meu ver não progrediu. Poderia ser um importante instrumento de agitação e propaganda, mas vive séria crise. A TO, por exemplo, reduziu seu nú-

mero de páginas, sua tiragem atual não condiz com um jornal de massas, sua cobertura jornalística é limitada e tem problemas de forma. A reformulação discutida em suas páginas está em banho-maria. Os problemas crônicos de sustentação não são atacados com a firmeza suficiente para solucioná-los. Chegou a hora do partido decidir de uma vez por todas se quer ou não ter um jornal verdadeiramente de massas e tomar as providências para efetivá-lo. A CO se caracteriza pela irregularidade de saída e o Boletim de Liderança tem alcance limitado. Quanto aos jornais de pequeno porte, tenho dúvidas se na verdade não representam dispersão de recursos materiais e humanos, contribuindo para o descuido com o jornal nacional de massas. Como exceção neste quadro destaca-se a revista feminina, com bons resultados jornalísticos e de vendas.

Nosso trabalho de propaganda deixa muito a desejar. A produção intelectual do partido é mínima, quem da capacidade do coletivo e da necessidade do momento. A produção limita-se a alguns dirigentes (bem poucos), como atesta nossa revista "Princípios". A meu ver um dos fatores é que nosso trabalho na área intelectual e de formação é muito centralizado, fechado, limitado a poucas pessoas, não mobiliza a capacidade do coletivo partidário disponível. O Instituto Maurício Grabois e alguns similares estaduais

ainda não deslançaram. Não tem planos de trabalhos organizados de forma a aglutinar a intelectualidade partidária. Sem que nossos militantes produzam fica mais difícil atuar no meio da intelectualidade progressiva. Aliás é um setor que mereceria um trabalho planejado e sistemático pelo partido, o que até agora não foi feito. Não tem havido por parte do partido esforço suficiente na divulgação da experiência socialista da Albânia. O trabalho da AABA tem sido limitado e esporádico, precisa ser revisto. São evidentes as dificuldades, mas é preciso enfrentá-las.

Os programas de TV são um elemento novo e que podem jogar um papel importante. Nossos programas tiveram bom conteúdo, mas a qualidade foi irregular, não se resgistrando um crescendo de melhoria na forma. Infelizmente não tive notícias de que os responsáveis pela produção dos programas, tivessem promovido amplas discussões visando acumular e sistematizar experiências. Como TV tem uma linguagem própria e nova para o partido, julgo importante criar um grupo mais amplo que assessorie a DN quanto à forma de futuros programas.

Agitação e Propaganda são vitais em tempo de crise, podendo ser o fator decisivo para o sucesso dos objetivos do partido. Por isto temos que aprofundar a discussão sobre as deficiências do setor, da DN às células e corrigi-las, visando o salto de qualidade que o momento exige.

Reconstruir a nossa Agitação e Propaganda

Maria José Lopes Leite
(Organismo de Base da Bela Vista - São Paulo)

Uma das conclusões que tiramos dos informes sobre a "Atuação Revolucionária do PCdoB" e "Questões de Organização" é de que, do 6º Congresso para cá, o nosso Partido cresceu. Cresceu em número de militantes e filiados; estendeu sua influência política pelo país inteiro; tem tido uma atuação importante na vida política nacional e, agora, na Assembléia Constituinte; cresceu também sua influência e presença no movimento de massas; vem tendo uma política de formação de quadros permanente, tendo passado pela escola do partido dezenas de militantes; tem uma atuação destacada entre as mulheres e os jovens. No entanto, como o próprio informe coloca, "o setor de agitação e propaganda é o mais débil das diversas frentes de trabalho da direção nacional".

Ao meu ver, a tarefa de agitação e propaganda deve estar indissolvemente vinculada às outras tarefas, seja no campo da atuação política e de massas, seja na organização. Sem propaganda não há como divulgar as idéias do Partido e sem agitação não há como fazê-lo conhecido pelas massas. E o que se observa atualmente no nosso Partido, é que existe uma incompreensão muito grande a respeito. Em todos os organismos, de direção ou de base, nós observamos que esta tarefa é sempre deixada em segundo plano. Os encarregados de agitação e propaganda par-

ticipam da formulação e da orientação política para o partido, com os demais membros das Executivas, e se preocupam muito pouco com a sua própria tarefa. Sem contar que não existe uma política de formação de quadros nesta área.

Ainda no informe sobre a "Atuação Democrática..." vemos a seguinte frase: "No intervalo entre o 6º e o 7º Congresso a imprensa partidária progrediu". A meu ver, temos que relativizar esse "progresso". É verdade que a nossa imprensa aumentou: três revistas e dois jornais, além de publicações regionais. Mas, qual a situação desses órgãos hoje? A "Tribuna Operária", principal jornal de massas do partido, tem sobrevivido por insistência da Direção Nacional e às custas de muitos sacrifícios e pela abnegação de uns poucos militantes; suas páginas foram reduzidas de 10 para 8; a tiragem que já foi de 50 mil exemplares, hoje oscila entre 9 e 10 mil; praticamente acabou-se a venda militante, os mutirões e a venda em banca; o projeto da "Nova Tribuna" não passou de um sonho. A "Princípios" que teria periodicidade trimestral tem saído duas vezes ao ano. A revista sindical, com dois anos de existência, só teve 4 números até agora. A revista feminina, que empolgou no começo, sobrevive com muito esforço. A "Classe Operária", órgão oficial do partido, não tem periodicidade certa, nem plano editorial muito definido.

Com relação à forma dos nossos materiais, predominam um espontaneísmo e um ama-

dorismo muito grande. Fazer uma imprensa de cunho popular não significa se despreocupar com a forma. É preciso encarar a apresentação visual como de grande importância também. E nisto é necessário que sejamos inovadores, criativos. A burguesia, por exemplo, dá uma grande importância à propaganda e à sua forma. Há enormes investimentos nisto, a preocupação com a formação de profissionais é constante e a cada dia se aperfeiçoa mais. Não explica, portanto, que os comunistas, que deveriam ter consciência da importância da propaganda para o nosso Partido, também, não se preocupem em se profissionalizar e em formar pessoas especializadas nesta área.

Há um tempo atrás, era suficiente para o Partido, fazer propaganda através de pichações. Mas hoje, o rádio e a TV nos abrem espaço para propaganda para milhões de uma só vez. Mesmo a nossa imprensa está fazendo propaganda para milhares e milhares de pessoas. Então, além de pichar bem, é necessário agora ter conhecimentos técnicos audiovisuais de propaganda, conhecer técnicas de cinema e vídeo, ter bons diagramadores e fotógrafos, gente que se especialize em propaganda e agitação no nível que as necessidades atuais exigem.

Por isso, eu penso que o Partido precisa investir bastante na área de agitação e propaganda, na formação de pessoas para esta tarefa, pois do contrário continuaremos no amorfismo que caracteriza a nossa agitação e propaganda atual.

factiveis. Como uma modesta contribuição a esse debate, apresento algumas propostas para serem discutidas pelo coletivo partidário:

- fechamento da Tribuna Operária, com a fusão de sua equipe com a da Classe Operária, que passaria a ser editada semanalmente, dotando o Partido de um único, poderoso, influente, eficiente e criativo jornal. Isso, no mínimo, nos proporcionaria uma economia;
- dinamização da Editora, realização de uma campanha financeira exclusivamente para

esse objetivo; convênio com outras editoras e com escolas e universidades, de forma a permitir uma melhor distribuição de nossos materiais e edição de séries de maior apelo e penetração popular, como, por exemplo, contos, novelas, poesias, reportagens, ampliando o leque comercial da editora;

- reformulação da Comissão Nacional de Agitação e Propaganda, que passaria a ser integrada por camaradas de diversos Estados, de preferência ligados à atividade jornalística, que se reuniria periodicamente

para avaliar e planejar a atividade nesse setor, inclusive traçando planos para a utilização de novas técnicas de comunicação, exigência do avanço tecnológico do país, da sociedade e da imprensa. Entre essas técnicas, devemos priorizar a criação de um Núcleo de Vídeo e de um Núcleo de Rádio, responsável pela produção de programas de vídeo e rádio, divulgados em todos os Regionais, utilizando-se, inclusive, de esquemas "alternativos" para a sua difusão, ampliando nosso potencial para a popularização de nossas idéias.

Repensar a nossa Imprensa

Moacyr de Oliveira Filho
Diretório Regional do Distrito Federal

"O papel de um periódico não se limita a difundir idéias, a educar politicamente e a ganhar aliados. O periódico é não apenas um propagandista e um agitador coletivo, como também um organizador coletivo". (Lênin).

O Balanço da Atividade Partidária desde o 6º Congresso, elaborado pela Direção Nacional e publicado na "Classe Operária" nº 16, ao tratar da imprensa partidária é muito genérico e excessivamente benevolente. Embora identifique as atuais debilidades desse setor da atividade do Partido, chegando mesmo a afirmar que "é o mais débil das diversas frentes de trabalho da Direção Nacional", não aponta os caminhos para a superação dessas debilidades.

No artigo "Por onde começar?", publicado no nº 4 de Iskra, em maio de 1901, Lênin identificou com precisão quais os objetivos e as funções da imprensa partidária. A citação aqui transcrita traça com clareza o que os comunistas devem esperar de sua imprensa — difundir idéias, educar politicamente, ganhar aliados e funcionar ao mesmo tempo como agitador e organizador coletivo. Infelizmente, somos forçados a constatar que praticamente nenhum desses objetivos está sendo atingido, atualmente, pela imprensa partidária.

A crise de nossa imprensa não é novidade. Há alguns anos lutamos contra ela. Em 17 de janeiro de 1987 realizou-se um Ativo Nacional para tratar exclusivamente desse problema, com a participação de diversos jornalistas do Partido. É com tristeza que observamos que hoje, passado mais de um ano dessa reunião, nenhuma de suas conclusões sequer saiu do papel. Diante dessa realidade, somos forçados a concluir que existe um grave obstáculo para a superação dos problemas vividos pela imprensa partidária: falta decisão política para enfrentá-los!

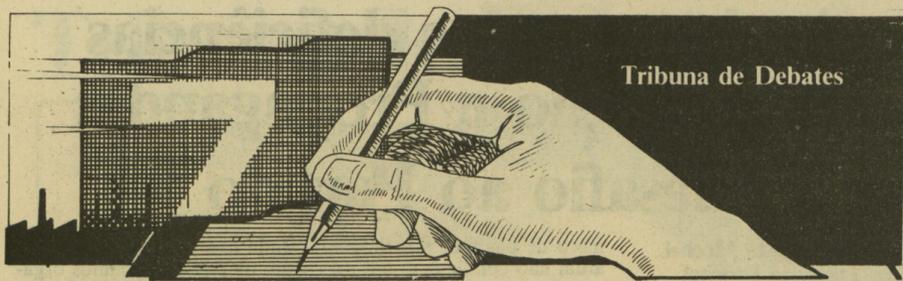
A crise da imprensa partidária localiza-se, hoje, basicamente em três pilares: a "Tribuna Operária", a "Classe Operária" e "Editora Anita Garibaldi". Todos eles falhos e deficientes. A Tribuna Operária, de há muito deixou de ser um efetivo jornal de massas. Apesar do denodado esforço da equipe responsável pela sua produção, a TO objetivamente não joga hoje quase que nenhum papel. Não é sequer um distante arremedo do poderoso e influente instrumento de popularização de nossas idéias que, sem dúvida, já foi. Não circula fora dos quadros partidários, circula muito pouco dentro do próprio partido, não tem peso político, é burocrático, desinteressante e, o mais grave, frequentemente comete falhas editoriais, normalmente expostas em manchetes fora do eixo político principal da se-

mana. Sua manutenção, nessas circunstâncias, é um esforço inútil e dispendioso. É a mesma coisa que jogar dinheiro fora!

A Classe Operária, órgão histórico do Partido, não fica atrás. Sai de vez em quando, como que por obrigação. Sem nenhum apelo gráfico, limita-se a transcrever os documentos oficiais do Partido, de uma forma normalmente ilegível. Mal editada, com uma diagramação pesada e excessivamente velha, a CO também não joga o papel que deveria jogar. É praticamente impossível tentar ganhar aliados com ela, porque ninguém, a não ser os quadros do Partido, consegue lê-la. E, mesmo assim, com muito esforço!

Já a Editora, existe apenas no papel. Não podemos compreender uma Editora que não cumpre com a sua própria razão de ser: editar livros. Há anos que ela não edita nada, causando sérios prejuízos para a agitação e propaganda do Partido, principalmente nesses tempos de aguçada luta ideológica. A Princípios, sofre do mesmo mal da Classe: sai de vez em quando e, embora publique matérias de qualidade, não é atrativa editorialmente.

É claro que no bojo de todas essas debilidades existe uma dificuldade objetiva: a financeira. No entanto, esse obstáculo não pode ser intransponível. Para superá-lo é preciso, antes de mais nada, tomar a decisão política de enfrentá-lo e buscar as soluções



Partido verdadeiramente revolucionário

**José Feitosa Vasconcelos -
Diretório Distrital Zona
Sul-SP**

A derrota política eleitoral, fruto de erros do passado, causou grande abalo ao Partido. Mas não é por isso que vamos desanimar. O Partido já passou por maus bocados, momentos de grandes turbulências, mas com garra e coragem. Os inimigos do Partido estão por toda a parte, mas não é agora, no momento mais difícil, que vamos fraquejar, ou nos sentir fracos. Quanto mais os inimigos aumentam, nós ficamos mais fortes. Sinto que a revolução está perto. Não vejo a hora de ver este país nas mãos de seus verdadeiros donos, a classe operária, classe que tanto trabalha e em troca só recebe mísero salário. Os patrões sugam dia e noite o suor e o sangue dos operários. Precisamos lutar contra tudo o que explora a classe operária. Fora com os carreiristas, oportunistas, e todos os que lutam contra o crescimento do autêntico Partido da classe operária, que tem por objetivo a tomada do poder, e a construção de uma nova sociedade — a sociedade socialista.

Os operários sabem que a

forma mais eficaz e consequente de luta por amplas liberdades, e pela implantação do socialismo, só com o PC do B à frente.

Por ser um Partido verdadeiramente revolucionário, é que o PC do B tem como meta a organização da classe operária, em primeiro lugar, e também as massas camponesas, a juventude e as mulheres. Só assim poderemos seguir adiante nos preparativos da grande revolução proletária. Só com as massas organizadas e conscientes é que avançaremos neste rumo.

Por isso nós do PC do B, devemos trabalhar de forma consequente na luta contra a burguesia reacionária, os latifundiários e os banqueiros, desmascarar as manobras do centrão na Constituinte, bem como as tentativas continuadas do governo da "Nova República".

A política do governo no setor habitacional é um verdadeiro desastre, os transportes então... nem se fala. Em São Paulo e no Brasil tudo vai mal.

O povo, que depositou tantas esperanças na Constituinte, vai vendo no dia a dia que das propostas mais avançadas são muito poucas as aprova-

das. A mesa da Constituinte engaveta as emendas populares. Os poucos avanços foram aprovados às duras penas pelos deputados mais progressistas.

O Partido Comunista não se dobra, é o que há de mais avançado na Constituinte. Luta de forma sistemática contra os fascistas no Congresso e contra o que ocupa a Prefeitura de São Paulo.

O glorioso PC do B trabalha com o objetivo de ampliar as lutas nos principais movimentos de massas, sobretudo nas fábricas, nas escolas, e nos bairros, desde os locais mais longínquos do país. Sabemos que 88 é ano de eleição e do Congresso do Partido.

O PC do B jogará um papel essencial na política do país. Temos que trabalhar com muita garra para eleger os nossos vereadores, prefeitos e presidente. Temos que filiar o máximo de trabalhadores possível para o nosso Partido. Recrutar os elementos mais destacados do povo para o nosso Partido.

Viva o glorioso 7º Congresso do PC do B — já na legalidade!

Viva a classe operária!
Viva aqueles que lutam pelo socialismo no país!

Nossa luta não será em vão!

SOBRE ORGANIZAÇÃO

**Arthur Yamamoto -
Diretório Municipal de
Sorocaba-SP**

Esta década de 80 tem sido um período dos mais ricos da história de nosso povo e também do PC do B. Grandes avanços foram conquistados pela classe operária, inclusive a legalidade de seu Partido. Porém, sempre que se faz uma avaliação concreta da situação, corretamente se diz que o Partido está aquém das necessidades que o movimento exige, e por conseguinte o grau de organização do povo também o está.

A expectativa é de que com 100 mil filiados o Partido passe a contar com uma base concreta de pessoas que podem se organizar, que passem a ser militantes do PC do B. Essa é a orientação que foi dada aos organismos de base para as discussões do 7º Congresso — envolver todos os filiados, buscar sua participação e contribuição. Certamente as OBS estão buscando cumprir essa tarefa, chamando os filiados para reuniões, vendendo-lhes a "Classe Operária", enviando-lhes convites etc.

Esta é a hora para analisarmos mais a fundo as questões de ORGANIZAÇÃO do Partido. É hora de pormos em prática a concepção leninista-bolchevique de Partido — um Partido forte, influente, de amplas massas, vivo, movido pelo centralismo democrático, formado de células reunidas num corpo único, imbatível.

Essa é a base do Partido Comunista — um cérebro único, comandando um corpo único, cujas células unidas mantêm o cérebro vivo e tudo plenamente integrado para cumprir sua tarefa — a Revolução Socialista.

Na Biologia se aprende que o ser humano nasce a partir do encontro de um espermatozoide com um óvulo. O óvulo fecundado é uma célula que já contém todas as informações genéticas do ser humano que vai nascer se vai ser homem ou mulher, louro ou moreno, alto ou baixo, etc.

O Partido Comunista, sendo também um organismo vivo, tem sua BASE nas células. Estas células para cumprirem suas funções devem possuir um núcleo de direção, que possui informações básicas "genéticas" do organismo (o Marxismo-Leninismo). Um núcleo que pode inclusive se produzir, formando novas células com funções semelhantes que também se reproduzem, se multiplicam.

É assim que o Partido cresce de fato, só assim ele se torna "à altura de suas necessidades", constituindo células com núcleos de direção capazes de cumprir suas funções sozinhas, seguindo uma orientação única.

Os novos filiados, se trabalhados em reuniões amplas, discussões genéricas, visitas esporádicas, em "campanhas", dificilmente evoluirão para a constituição de células de fato. É hora de combatermos os

idealismos. É fundamental a formação de quadros, de NÚCLEOS autônomos, capazes de cumprirem sozinhos suas tarefas inclusive de se reproduzirem em novos quadros, novas células.

Do contrário, o PC do B será um corpo amorfo, constituído de milhares de células fictícias, com poucos quadros, correndo para lá e pra cá, cobrindo tarefas não cumpridas, corrigindo discursos incorretos, e continuando a avaliar que estamos "aquém das necessidades que o movimento exige".

Uma política para formação de quadros deve ser traçada pelo Partido. É óbvio que a luta é a melhor escola para a formação de quadros, mas métodos de direção podem facilitar ou impedir a evolução dos militantes. Assim, visitas constantes, ouvir mais do que falar, conhecer a realidade de cada um, identificar suas dificuldades e aptidões. Estimular suas virtudes, demonstrar com camaradagem seus defeitos, dar o exemplo de militância consequente, jamais negligenciar uma opinião ou menosprezar uma dificuldade pessoal.

Pode-se dizer que não há tempo para este tipo de método de direção, as tarefas do dia-a-dia não nos permitem ficar visitando o pessoal, etc.

Penso que é tempo de dizer: vamos fazer um Franksenstein porque não temos tempo para fecundarmos um óvulo com um espermatozoide.

ternacional até então em vigor. Esse episódio marcou o fim do acordo de Bretton Woods e se deu, fundamentalmente, em função do déficit da balança comercial dos EUA e trouxe sérios problemas para as economias dos países que tinham moedas fortes, a exemplo da Alemanha Ocidental, Inglaterra e Japão, bem como para o países de economias dependentes. O segundo foi o que se convencionou chamar de crise energética, em função dos sucessivos aumentos do preço do petró-

leo nos anos de 1973 a 1974, causando déficits nos balanços de pagamentos de uma grande gama de países.

Obviamente, não podemos ver esses fatos de maneira isolada nem como os únicos responsáveis pela crise. Dois outros fatores desempenharam importante papel no seu desenvolvimento. O primeiro, e talvez o mais importante, diz respeito ao processo de exportação de capitais por parte principalmente dos EUA, desde o fim da segunda guerra e o segundo diz respeito ao pro-

cesso de militarização da economia, particularmente a norte-americana e a soviética, através de investimentos públicos cada vez maiores na indústria armamentista. Esses fatores conjugados levaram ao desenvolvimento de um fenômeno interessante nas economias das duas superpotências. Cairam a produtividade e a qualidade dos bens de consumo duráveis e elevou-se, ao mesmo tempo, o processo inflacionário nesses países. No caso dos EUA, o seu mercado foi invadido pelos produtos de origem alemã e japonesa, de maiores preços e melhor qualidade.

A análise mais aprofundada desse fenômeno pode nos levar inclusive à elucidação de questões como o acordo Reagan e Gorbachev no que se refere à questão da corrida nuclear, bem como ao aprofundamento da discussão em torno do surgimento ou não de um terceiro pólo imperialista, com base no desenvolvimento da economia japonesa, ou até mesmo da Alemanha Ocidental (esta última com menos força).

O desenvolvimento desse quadro trouxe à tona uma situação de crise com características bastante particulares. Ao longo de um processo de estagnação relativa da economia, tivemos alguns períodos

breves de recuperação. Essa particularidade suscita a seguinte questão: vivemos um processo de crise prolongada com alguns períodos de recuperação ou vivemos um processo de várias crises cíclicas do capitalismo que tem tido um espaço cada vez menor entre uma e outra? Penso que: 1. Trata-se de uma crise cíclica do capitalismo com fortes implicações estruturais. Ela se desenvolve concomitante ao processo de obtenção da mais-valia a nível internacional, ao processo de acumulação, concentração e centralização da produção e do capital, bem como ao processo de exportação de capitais por parte das superpotências. A sua particularidade é que tem como característica o fato de ser uma crise duradoura que se manifesta em determinados momentos com seu aspecto de superprodução e em outros com seus aspectos depressivos.

2. Trata-se de uma crise econômica que, além do seu aspecto financeiro, traz em si os aspectos de crise industrial, tecnológica e comercial. Embutido no processo de desenvolvimento técnico-científico, que acontece desde o período do pós-guerra, cresceram alguns dos fatores responsáveis pela atual crise, a exemplo do crescimento vertiginoso da taxa de lucro máximo e do au-

mento da produtividade em escalas jamais vistas. Ao lado disso, cresceu o processo de deterioração comercial na medida em que os países produtores de produtos primários viram esses produtos, ao lado das matérias primas, sofrerem um acelerado processo de desvalorização face aos produtos industrializados. É o que se convencionou chamar de deterioração dos termos de troca; e, por fim

3. Trata-se de uma crise que, apesar de ter sua matriz nos EUA e dos seus efeitos estarem se manifestando de maneira forte internamente, a exemplo da quebra na bolsa de Nova Iorque e o atual processo de falências vivido por grandes empresas norte-americanas que estão sendo absorvidas na sua maioria pelo capital britânico, alemão e japonês, os seus efeitos são mais drásticos nas economias dos países dependentes, causando altas taxas de inflação, desemprego e endividamento externo, esse último tornando-se, inclusive, um dos principais fatores de realimentação e manutenção da crise. Na verdade, a dívida externa se constitui hoje no principal instrumento de espoliação imperialista, na medida em que é utilizada como forma de manutenção e ampliação da dependência.

A Crise Mundial e sua solução

**Alfredo Filho O B da
Universidade de Brasília**

Aqui se discutirá sobre a natureza da atual crise do capitalismo, em particular sobre a polêmica acerca dela ser uma longa crise estrutural com altos e baixos ou apenas uma dentre várias crises que se têm sucedido em curto espaço de tempo. Procuraremos ainda apontar perspectivas para sua solução. A discussão que se segue tem grande importância na definição das estratégias dos Partidos em todos os países, daí a necessidade de voltarmos nossos olhos a ela.

A solução da Crise de 1929 se deu através da crescente participação do Estado capitalista na economia enquanto gerador de demanda, desenvolvendo-se enormemente o setor produtor de não-mercadorias (bens que requerem trabalho para sua produção mas que não podem ser consumida, como armas, foguetes espaciais etc.). Um outro aspecto do sistema (e com ele o próprio imperialismo) modificou-se após a II Guerra Mundial, ocorrendo o fenômeno da internacionalização do capital produtivo via empresas multinacionais.

Esta forma do capitalismo entra em crise nos anos 60, quando caem os indicadores da produção e crescem a inflação e o desemprego por toda parte. Simultaneamente, se modifica a geografia da produção, os EUA perdendo posições frente ao Japão e à RFA, e com países dependentes passando a sediar áreas industriais (Brasil, Coreia,).

Com a crise do petróleo encerra-se este *modus operandi* do sistema, alterando-se a forma da reprodução mundial do capital. A nova divisão internacional do trabalho se baseia na mundialização dos produtos e qualidades na produção em escala global. Daí processos como a substituição de importações e a nacionalização da produção não mais serem dinâmicos (ao contrário, são hoje obsoletos) e o imperialismo se modificar de novo, centrando-se agora no domínio tecnológico (embora não exclusivamente, é óbvio).

Hoje percebe-se que a forma anterior (keynesiana) de dinamização do sistema perdeu fôlego, não mais permitindo a completa absorção da capacidade produtiva potencial dos países capitalistas. A própria busca de soluções nestes países, não podendo avançar, retoma teorias que o próprio capitalismo já superou, como as liberal-monetaristas.

A crise se denuncia como estrutural, portanto, com ciclos internos conforme o sistema se acomoda e/ou encontra soluções parciais de dinamização setorial. O capitalismo não pode mais encontrar soluções de fundo ou mesmo temporárias mas de dinamização global, pois não se pode gerar a demanda necessária dado o esgotamento de todas as fontes endógenas e exógenas de sua geração que o sistema contém.

Desenvolve-se hoje, ainda, uma multipolarização no sistema com países como o Japão

concentrando sua base produtiva dinâmica e os EUA os setores de serviços e poder militar. Esta polarização não poderá se desenvolver de forma completa, dada a necessidade de cooperação entre os países, tanto devido à rivalidade com a URSS como pela própria divisão do trabalho existente.

Paradoxalmente, o capitalismo demonstra vitalidade política. Coopta com crescente sucesso o bloco soviético, insere a China em sua área de dominação, destrói os partidos revisionistas, "enquadra" movimentos revolucionários antes vitoriosos, mantém o terceiro mundo em sua órbita.

Assim, o sistema apresenta sinais de crescente deterioração em sua infra-estrutura econômica, mas se recicla e apresenta sucessos políticos. Para o futuro, entretanto, nada pode prometer aos povos a não ser maiores mazelas e dificuldades.

O que a realidade demonstra é que o capitalismo é criativo e adaptável, de modo algum se extinguindo sozinho. Ele será sempre capaz de evoluir e modificar suas formas de produção e dominação, mesmo a custos cada vez maiores. Sem a luta política revolucionária de massas sob a direção dos partidos marxistas-leninistas e sem a revolução proletária em todo o globo, não há qualquer possibilidade de se superar este sistema e degradação generalizada que ele traz consigo. Fora desta, não há solução possível e duradora para a crise que hoje vivemos.

Importante o Trabalho no campo

**Marcelo Cardia - O B
da Vila Mariana - SP**

A atenção, por parte do PCdoB, igual à dispensada a outras frentes, reclamada em artigo publicado na Tribuna de Debates pelo camarada Arthur de Paula, é justa e merecedora de ser debatida com afinco durante o 7º Congresso. Por serem as regiões do Norte e Centro-Oeste onde o Partido tem maior experiência e penetração no campo, arrisco a dizer que muitas das ações propostas ao campo em outras regiões incorrem em erros originários da transferência mecânica de análises e ações desenvolvidas no Norte e Centro-Oeste. Entre as causas principais de tais erros, creio serem o ainda insuficiente nível teórico e político de muitos militantes (nos quais incluo-me) e a pouca atenção dispensada a esta frente, pelos organismos partidários principalmente no interior de São Paulo.

Se hoje a UDR tem cerca de 250 mil membros, grande parte destes são, principalmente na região Sul do país, pertencentes à pequena burguesia rural, englobando pequenos proprietários, arrendatários, parceiros e até posseiros. Em São Paulo, podemos dizer que a U.D.R. "ganhou" mesmo que possa ser temporariamente

te, o campesinato médio. Um pequeno burguês em São Paulo é em certa medida capitalizado, emprega mão-de-obra assalariada, tem acesso ao crédito rural, produz essencialmente para o mercado. Já no Norte, dificilmente produz para o mercado, é descapitalizado, raramente emprega mão-de-obra assalariada e é muito atrasado tecnicamente, embora possa possuir maior área de terras que o camponês do Sul, mas que invariavelmente está em conflito com o latifúndio na defesa de sua propriedade ou posse.

Assim sendo, ganhá-los para a reforma agrária exige táticas diferentes, meios distintos. Os sindicatos patronais do Sul oferecem serviços de apoio à comercialização, seguro rural e assistência técnica que funcionam como "mel" para atrair o campesinato médio. É grande, em São Paulo, o número de camponeses que estão associados nos sindicatos de trabalhadores rurais e sindicatos patronais rurais. O boicote e cerco aos bancos em 1985/86, ocorridos nas regiões do Sul, teve à frente em importantes cidades a U.D.R. Contando com a participação de grandes parcelas do campesinato médio. O Partido não pode ficar

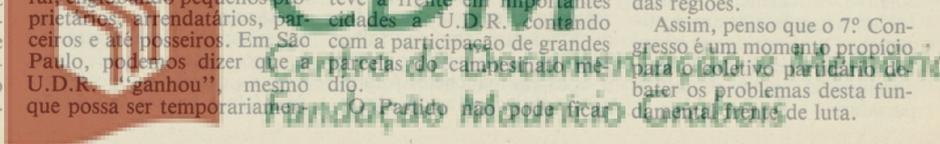
paralisado ante a impossibilidade de trazer parcelas da pequena burguesia rural à nossa organização, esquecendo que é necessário e possível trazê-los para a aliança operário-camponesa. Para tanto temos que estudar e compreender o real significado desta aliança e nos debruçarmos sobre questões concretas como política agrícola (crédito rural, seguro rural, comercialização etc.), pois é por aí que o "velho" veste uma "nova camisa" (U.D.R.) para se aproximar da pequena-burguesia rural. São Paulo talvez tenha o movimento sindical rural mais imobilista e cupulista do país. Há problemas advindos da presença, na mesma entidade, de assalariados rurais e da pequena burguesia rural. Urge termos propostas de como resolvê-los.

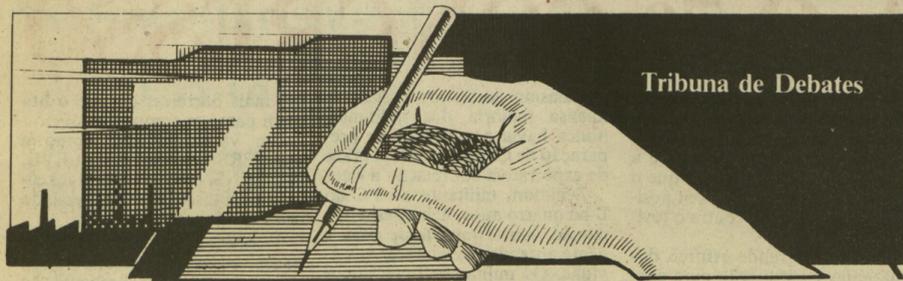
Entender a penetração do capitalismo no campo, o avanço tecnológico promovido pelos complexos agro-industriais está obrigando o Partido e o movimento popular a compreender o novo conteúdo da reforma agrária em determinadas regiões.

Assim, penso que o 7º Congresso é um momento propício para o coletivo partidário debater os problemas desta fundamental frente de luta.

**Carlos Olímpio Carvalho
Diretório Regional do
Distrito Federal**

A base fundamental da crise está calcada em dois fatos ocorridos no início da década de 70 e que, durante esses anos, vêm acompanhando todo o seu desenvolvimento. O primeiro foi o início da crise monetária internacional, que se deu com a quebra da convertibilidade do dólar em ouro em 1971, subvertendo as normas do sistema financeiro in-





Sobre o Sionismo 1ª parte *

Antônio da Silva Ortega
Organismo de Base dos
Metroviários-SP

O sionismo é um movimento político, oficialmente fundado no Primeiro Congresso Sionista na Suíça em 1897, pelo seu principal teórico Theodor Herzl, um judeu austríaco. Essencialmente o sionismo reivindicava um lar nacional judeu, de preferência na Palestina. Aliado aos movimentos colonialistas da Europa, os sionistas ignoraram o fato de que a Palestina já estava habitada por um povo com uma velha e rica civilização. O sionismo é, portanto, uma criação de alguns judeus europeus que haviam sido objeto da parte de governos da Europa que tinham por prática posturas antissemitas, que perseguiram e aprisionavam judeus em ações que ficaram conhecidas por progons.

O sionismo, enfim, é um movimento político que deu plenitude a si mesmo, não somente à custa de um povo que nada tinha a ver com o antissemitismo, como também à custa do judaísmo internacional.

Tendo como principal aliado o imperialismo britânico, o sionismo formou o Estado de Israel na terra Palestina, contando como ponto de partida neste século XX, a Declaração Balfour assinada em 2 de novembro de 1917 por Arthur James Balfour, ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, a qual dava toda uma condição de ser instalado o lar nacional judeu na Palestina, defendido no Primeiro Congresso Sionista na Suíça em 1897.

A Frente de Mulheres

Ana Maria Rocha -
Reponsável junto à Direção
Nacional pela Frente de
Mulheres

Hoje, a presença da mulher é marcante nos mais variados setores de atividades, até mesmo naqueles antes privativos dos homens, como aviação e diplomacia. Nos últimos anos, a participação da brasileira no mercado de trabalho cresceu numa velocidade surpreendente. O contingente de trabalhadoras passou de 6 milhões em 1970 para 18,5 milhões em 1985. Essa maior presença no mercado de trabalho e o grande debate travado na sociedade sobre a opressão específica da mulher a partir de 1975, com a instituição do Ano Internacional da Mulher pela ONU deram um novo impulso à mobilização das mulheres por seus direitos específicos e por uma maior participação na definição dos rumos políticos da nação.

Essa força emergente não é ignorada por nenhum segmento político. Basta ver a organização de mulheres criada pela UDR, a atuação da Igreja junto às pequenas proprietárias do sul do país, as moribundas Federações de Mulheres que agora acenam com a criação de uma Confederação de Mulheres e que por certo irão constituir sustentáculo para os planos governistas. O capital estrangeiro também está de olho no despertar das mulheres e investe seus dólares em planos controlistas. Atualmente, a Fundação Ford financia encontros feministas e a maioria dos grupos sexistas voltados para a saúde da mulher no Brasil.

Como partido marxista-leninista, o PC do B, em seus 66 anos de existência sempre teve presente a importância da participação feminina na luta re-

volucionária e traçou política específica para o trabalho entre esse setor da população. Na correta compreensão de que a emancipação feminina se relaciona com a construção de uma sociedade socialista, em que a mulher terá condições de participar da produção social em condições de igualdade com o homem, com as embrutecedoras tarefas do lar assumidas pelo estado, o PC do B procura esclarecer as mulheres de que sua participação nos embates políticos, sociais e econômicos é o rumo certo para aproximar o fim da secular cadeia da opressão feminina. Sem ignorar, no entanto, que muitos são os obstáculos a essa participação, advindos de sua condição de mulher, numa sociedade machista que a discrimina e sobrecarrega com os afazeres domésticos. Daí apontar a necessidade de organizações específicas de mulheres, que abordem essas questões, combatam as discriminações, superem obstáculos, fazendo cada vez mais a mulher ocupar o espaço que lhe cabe na sociedade.

Reconhecidamente a força política que mais aumenta sua influência organizada no movimento de mulheres, o PC do B tem dado passos significativos na elaboração de sua política para essa frente. Desde 1983, quando em seu 6º Congresso aprovou um documento sobre a questão, vem tentando responder às novas exigências colocadas pela complexidade e diversidade surgidas seja no que se refere à área institucional com a criação dos Conselhos e Delegacias da Mulher, na área sindical, no movimento espontâneo, na mobilização das trabalhadoras rurais, das operárias e sobretudo no movimento autônomo de mulheres. Mas, ainda há dificuldades no entendimento

faz e auxilia o comércio bélico nesta região conflagrada, vendendo através do governo dos Estados Unidos, toda espécie de armamentos.

O sionismo se tornou um aliado do governo racista da África do Sul tanto militar, política e socialmente. Através de assessores militares israelenses, as tropas do apartheid tentam sufocar a rebelião revolucionária presente no povo negro sul africano e, nesta parte da África "Austral", a oligarquia israelense tenta por todos os meios assassinar através das constantes invasões do exército da África do Sul, o povo de Angola, Moçambique, Zimbábue e a Namíbia, financiando este exército racista, o armando de todas as formas, a fim de manter a influência do imperialismo norte americano na região.

O sionismo também auxilia os contra-revolucionários da Nicarágua, vendendo armas a estes vermes da humanidade para desestabilizar o governo democrático sandinista. Se isto não bastasse o governo sionista de Israel mantém um comércio de venda de armas com todos os governos anti-democráticos da América Central, tais como da Guatemala, Honduras, El Salvador, além de influenciar nas decisões do Canal do Panamá.

O sionismo mantém um poderoso serviço secreto conhecido por Mossad, que além de atuar dentro do Estado de Israel e nos territórios ocupados, assassinando e torturando palestinos, auxilia ditaduras sanguinárias, como a de agressão Pinochet no Chile.

* A parte final será publicada no próximo número.

Saúde Tema Programático

Walter Sorrentino -
Diretório Regional de São
Paulo.

O Programa do PC do B, elaborado em 1985 e submetido à aprovação do 7º Congresso, representa um importante avanço de qualidade na formulação teórica e política do Partido. Nele está contida uma compreensão aguçada das leis do desenvolvimento do processo revolucionário nas condições concretas de nosso país e das formas de abordar as transformações revolucionárias junto às grandes massas populares. Isso é particularmente evidenciado na proposição de que, almejando o socialismo, o Partido não se omite do curso real da vida política, mas "participa ativamente de todos os movimentos democráticos, patrióticos e sociais, nas formas condizentes com os direitos e interesses das grandes massas da população".

A plataforma de 15 pontos contida no Programa é, assim, uma expressão dessa compreensão. Arma-nos com o norte; fixa, em cada campo, objetivos específicos da luta presente, em relação com o objetivo final e o futuro dessa luta. Entretanto, nessa plataforma, ao lado de questões econômicas, políticas e sociais, não figura a questão SAÚDE.

Penso que essa questão precisa figurar como um item da plataforma. Em primeiro lugar, porque nesse setor — a exemplo de Educação, que figura no item 9 — o povo brasileiro tem muitas lutas acumuladas, particularmente nas duas últimas décadas, o que está a exigir a fixação de um rumo seguro para alcançar o direito dos brasileiros à saúde. Milhões e milhões de compatriotas são privados da mínima assistência à saúde, para não dizer dos milhões de desnutridos, dos que padecem de moléstias endêmicas, etc. O setor foi profundamente afetado

pelo modelo capitalista dependente, que privilegiou um modelo de descaso com a saúde pública, modelo de assistência elitista, excludente, onde se sobrepõe uma parafernália de instituições ineficientes e corruptas, que servem de anteparo para a busca de lucro capitalista. Para dizer em poucas palavras: o modelo de assistência implantado no país trafica com a falta de saúde do povo. E mais: além da presença de multinacionais no setor, esse tráfico relaciona-se com todo o sistema de produção de insumos e produtos farmacêuticos, com a produção de tecnologia e equipamentos no setor, etc., todos dominados por grupos monopolistas nacionais e estrangeiros.

Em segundo lugar, porque ao lutar pelo direito integral à saúde abordamos de forma concreta a necessidade de mudanças estruturais no país. Tal direito só pode ser assegurado nos marcos de um regime democrático e popular, rumo ao socialismo, regime que ao lado das medidas econômico-sociais apontadas na plataforma, promova o fim da iniciativa privada no setor, crie um Sistema Nacional de Saúde estatizado, de acesso livre e igualitário a todos os brasileiros.

Em terceiro lugar, porque um item dessa natureza na plataforma nortearia a rica luta dos brasileiros e dos comunistas em vários terrenos envolvidos na questão saúde. Há uma rica vertente sindical (sindicatos, associações, CRMs, entidades de funcionalismo público etc), há uma vertente popular, com o trabalho de médicos e profissionais de saúde nas periferias das grandes cidades; há uma importante vertente institucional, junto a administrações progressistas e no debate quanto aos rumos do sistema de saúde; e há importante envolvimento da intelectualidade nesse debate, onde podemos e devemos polarizar um pensamento avançado, progressista. Invocaria, por

fim, a importância concreta que teve a questão saúde nas revoluções populares neste e noutros Continentes, tendo se transformado em importante ponto de apoio popular às forças revolucionárias quando estas ergueram de forma consequente as bandeiras do direito à saúde, inclusive na Guerrilha do Araguaia.

Essas algumas razões que ofereço ao debate. Penso que poderíamos inscrever no Programa um item assim formulado:

"Direito à proteção da saúde em todos os níveis, mediante um sistema público de saúde que garanta o acesso universal, igualitário e gratuito a todos os brasileiros. Assegurar a infra-estrutura básica dos serviços públicos de saúde, visando uma cobertura médica hospitalar racional integral, e de boa qualidade em todo o território nacional, inclusive nas zonas rurais. Capacitar o setor público na produção de medicamentos e tecnologia no setor, estimulando a pesquisa. Organizar prioritariamente o combate às endemias e a prevenção de epidemias. Assegurar a gestão democrática do sistema de saúde, com participação das entidades populares em todos os níveis".

Essa formulação exige algumas considerações finais. Ela não necessita explicitar a saúde como fruto de condições dignas de vida e trabalho, relacionadas a problemas estruturais do país, porque isso está implícito no Programa. O mesmo deve ser dito quanto ao problema da estatização do setor ou do monopólio estatal da indústria de insumos farmacêuticos, bandeiras muito atuais, porque neste caso são formas concretas que a luta assume a cada momento, enquanto nós, no Programa, precisamos firmar a saúde como direito na perspectiva da luta pelo socialismo. Por fim, não se faz referência à Previdência Social porque esta já foi tratada em outro item da plataforma.

Atuação nas Entidades Ecológicas

Adão Tadeu Salvioni -
Célula de Jordanópolis -
São Bernardo do Campo -
SP

Nosso partido é um partido de luta, revolucionário, que tem por ideologia os ensinamentos marxistas-leninistas.

Ingressei no partido porque acredito nesta luta, e sei que no fim o socialismo vencerá,

pois nós procuramos estar sempre lutando em todos os níveis, em todas as entidades.

Então, sendo assim, acho que nós nos preocupamos com o homem do campo, as entidades sindicais, mas existe uma que não é de menor importância e que sem ela não existirá vida sobre o planeta e não vejo grandes mobilizações do partido para a atuação dentro das entidades ecológicas, que hoje

já são um fato e estão aí junto da massa, protestando, lutando enfrentando de igual para igual esses tecnocratas burgueses sem escrúpulos.

Por isso eu chamo a atenção dos camaradas, para que atenem para o fato, porque não é só a fome que mata, não é só a falta de segurança que mata, não é só o FMI que mata e sim também a degradação do meio ambiente.

FAÇA JÁ SUA ASSINATURA DE A CLASSE OPERÁRIA

Tornando-se assinante da CLASSE você ajuda o jornal do Partido e tem acesso regularmente a informações políticas, documentos da direção nacional e notícias sobre o movimento comunista mundial. Preencha o cupom abaixo anexando um cheque no valor de Cz\$ 350,00

Nome
Endereço
Telefone
CEP
Cidade
Estado
Profissão

Ouçam a Rádio Tirana A Voz da República Socialista da Albânia

emissão para o Brasil
diariamente às 21:00h e
22:00h ondas curtas de
31 / 42 metros

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

EM MARCHA O 7º CONGRESSO



São Paulo/1988

Em todo o país, o 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil já é debatido nas organizações de base das fábricas, escolas, universidades e distritos. Em clima de grande entusiasmo, os comunistas se preparam para realizar seu primeiro Congresso na legalidade.

MINAS: GRANDE DESAFIO

O PC do B em Minas enfrenta três grandes desafios até a sua conferência estadual: alcançar as condições para a legalidade (construindo 150 comissões provisórias), atingir a meta de 2.500 filiados e aliar isso tudo a uma profunda discussão preparatória para o 7º Congresso.

Com grande envolvimento do coletivo partidário, a direção regional anuncia o cumprimento de todas estas metas. O dia 25 de março, aniversário do Partido, vai ser marcado por uma grande comemoração.

No dia 16 de março, foi concluída a formação de 150 comissões provisórias. Mesmo nas regiões mais difíceis e atrasadas o PC do B se faz presente. No Vale do Jequitinhonha, por exemplo, em apenas quinze dias foram formadas 13 comissões provisórias.

Com a vitória da campanha de filiação, espera-se que o número de militantes que participaram do processo da Conferência seja três vezes maior do que na última. Assim, a expectativa é englobar 800 militantes.

O clima de discussão do Congresso é muito positivo. Todos os organismos de base já iniciaram os debates e têm assembleias marcadas. Nessa fase, está crescendo muito o nível político e se consolidando a estrutura do partido. As bases estão incorporando grande número de novos comunistas e em grandes indústrias como a FMB (Betim), BELGO-MINEIRA (João Monlevade) e outras se organizaram bases com os novos filiados.

RIO: CRESCE A DISCUSSÃO

No Rio, já se iniciaram reuniões preparatórias nas bases e

coletivo já se mostra bastante entusiasmado e com grande expectativa.

BAHIA: ENTUSIASMO DESDE O INÍCIO

Em Salvador, no interior e nos distritos, os debates têm sido muito concorridos. Nas assembleias que começam esta semana os novos filiados estão se incorporando graças ao esforço dos organismos que mandam cartas e fazem visitas buscando trazer novos comunistas para a discussão.

O Diretório Regional tem a perspectiva de realizar 60 Conferências Municipais.

RIO GRANDE DO SUL: EMPENHO DOS MILITANTES

O PC do B gaúcho iniciou há mais de três semanas a discussão dos temas do Congresso.

Em Porto Alegre, os debates abertos realizados na Assembleia Legislativa têm reunido uma média de trinta pessoas que, duas vezes por semana, discutem o marxismo-leninismo e a importância do 7º Congresso do Partido da classe operária.

Em todos os locais, existe grande preocupação em dar uma contra-ofensiva à campanha anticomunista que tem acontecido a ni-

vel mundial. Na Universidade, em vários distritos e cidades têm ocorrido debates bastante concorridos sobre a Perestroika e a situação internacional, em que o Partido tem esclarecido seu posicionamento na luta contra o revisionismo.

Existe um grande esforço dos militantes e da direção para conciliar a discussão e preparação do 7º Congresso com as lutas e atividades em curso.

SÃO PAULO: TUDO PELO CONGRESSO

Num grande esforço da direção regional e de todo o coletivo partidário, o PC do B em São Paulo dedica toda a sua atenção para preparar uma grande Conferência e aprofundar a unidade política e ideológica do Partido. Assim, a palavra de ordem "Tudo pelo Congresso" tem se traduzido em várias iniciativas:

Reuniões preparatórias nos organismos

As bases do Partido já discutem sistematicamente os temas do 7º Congresso, dedicando grande atenção à luta ideológica.

O organismo dos metalúrgicos, que mobiliza uma média de 30 militantes nas suas reuniões semanais de debates, discute com

entusiasmo todos os temas. A imensa maioria dos militantes nunca havia participado de preparação de Congresso e tem grande expectativa em relação a este.

Zenildon, militante do PC do B há quatro anos, acha "esta discussão muito importante para a gente aprender e esclarecer as dúvidas. Os militantes mais novos ainda têm muitas dúvidas, que se esclarecem nesse processo. Temos muito o que aprender na questão teórica. Este ataque que estamos sofrendo é o acirramento da luta de classes. Esta confusão dentro do partido é muito perigosa e o Congresso vai tirar as dúvidas, garantir a unidade e fortalecer o Partido".

Para Roberval, que milita no PC do B desde 79, "com o partido na legalidade precisava de um Congresso para aprofundar a discussão sobre como trabalhar nessa conjuntura, pois temos muitos embates políticos agora. Tem que ter muita coesão para o Partido dar resposta a esta situação e se fortalecer".

Cheila, uma das três mulheres metalúrgicas comunistas, acha que "pelos grandes problemas e tarefas o Congresso já vem até meio atrasado e o Partido está de parabéns. O Congresso está contribuindo muito para o nosso organismo se formar e estudar mais". Cheila se preocupa também em discutir "por que ainda tem poucas mulheres no partido. Acho que a mulher tem que ven-

cer mais barreiras do que o homem para ser comunista".

Em várias fábricas como a MAFERSA, METAL LEVE, SIEMENS, os operários já se reúnem para discutir o Congresso do seu Partido.

Também nas bases de universidades e escolas secundaristas, existe uma grande preocupação de debater os temas, divulgar os temas do 7º Congresso aumentando a presença do PC do B nestas áreas.

O Esforço da Direção

O Diretório Regional tem tomado iniciativas constantes para cumprir suas duas grandes metas: filiar e incorporar novos comunistas e fazer debates aprofundados sobre os temas do Congresso.

Com o objetivo de fortalecer os quadros e fazer uma discussão complementar às principais (que são as assembleias de base), o diretório está realizando oito ciclos de palestras, com o apoio da Escola Nacional do PC do B. Todas as organizações de base estão convocadas a enviar militantes e espera-se que isto se reflita diretamente no coletivo em todo o estado. No ciclo de palestras da Grande São Paulo, nos dias 19 e 20 últimos participaram dirigentes de cinco cidades e das bases de metalúrgicos, eletricitários e SABBESP, totalizando 45 pessoas e um alto nível de discussão.

nos distritos. Nos vinte e quatro diretórios municipais recém-formados, as direções se jogam intensamente nos debates e preparação das conferências municipais, já marcadas.

A deputada Jandira Feghali está presente nas reuniões das principais e maiores bases. Em algumas assembleias é esperado um grande número de novos militantes, como em Rio das Pedras, uma área de invasão que conta com 300 filiados e espera contar com mais de 100 na sua assembleia.

É grande o entusiasmo e a discussão aumenta e se aprofunda até o dia 25 de março, quando se iniciam as assembleias de base.

GOIÁS: MAIS DE MIL MILITANTES

Este grande número de militantes está sendo mobilizado no processo de discussão do Congresso. Já nos dias 12 e 13 de março, quando os debates se iniciaram, mais de 100 militantes estiveram reunidos em OBs e distritos.

As trinta assembleias de base marcadas para Goiânia se preocupam em incorporar os novos filiados e vão organizar e fortalecer o Partido em categorias importantes como motoristas, funcionários da saúde e professores.

Para ajudar a elevar o nível político e ideológico do Partido no interior (composto basicamente por camponeses), foi organizado um ciclo de palestras nos dias 18 a 20 de março que discutiu a política e a organização do PC do B além das teses do Congresso.

Já estão marcadas 38 conferências municipais e a preparação já começou em 20 municípios.

Apesar de estar na fase inicial de preparação do Congresso, o

Nova situação no Movimento Sindical

Ronald Freitas

A CGT se debate em grave crise. A sua direção executiva foi dominada pelos seguidores do "sindicalismo de resultados" que com base na corrupção, chantagem e ameaças físicas manipulam a Central, imobilizam a sua ação, desrespeitam as suas instâncias deliberativas e principalmente passaram a aplicar uma política que rompe com as resoluções programáticas e as bandeiras de luta do seu Congresso de fundação (março de 1986).

Essa crise é o reflexo no movimento sindical do agravamento da situação política, econômica e social do país. Passados os primeiros momentos políticos após o fim do regime militar, os setores mais à direita das classes dominantes e do imperialismo retomaram as rédeas de controle do Estado. Mas não conseguindo subjugar e enganar os trabalhadores e o povo, que continuaram lutando contra seus planos e resistindo aos seus intentos reacionários, sentiram a necessidade de ter no movimento sindical um instrumento de ação para defender seus interesses.

Assim, seus agentes, há muito incrustados no movimento sindical, como Magri e Luís Antônio, se desmascararam, passaram a agir abertamente e controlaram a Executiva, tendo na Plenária Sindical de 30 de janeiro último, por meio de grupos pára-fascistas e com métodos provocadores e violentos, consumado esse assalto, impedindo a realização da reunião.

A situação da CGT tornou-se crítica. A sua Executiva Nacional, que sempre esteve defasada em relação ao conjunto da Central e foi o principal empecilho para o seu desenvolvimento, rompeu com a linha programática, perdendo a legitimidade e as condições políticas de dirigilas.

Diante dessa situação, as CGTs estaduais resolveram realizar uma reunião para analisar a crise e abrir perspectivas para sua superação. Após marchas e contra-marchas, setores classistas, progressistas e independentes da CGT, com base nas estaduais, convocaram para 9 de abril próximo uma Plenária Nacional Sindical.

A vida mostra que nas condições atuais a situação da CGT é insustentável. Torna-se necessário debater profundamente essa crise, analisar suas causas e buscar saídas.

A direção sindical, encastela na Executiva da CGT, com o apoio de setores vacilantes e reformistas, controla a máquina burocrática da Central e, baseada no sindicalismo atrasado e na maioria das Federações e Confederações, transformou a CGT no seu braço no movimento. Essa situação exige uma diferenciação de campos de atuação e a busca de alternativas capazes de dar continuidade, nas novas condições políticas criadas, à luta por um sindicalismo classista e unitário.

A Plenária Nacional Sindical que se realizará no dia 9 de abril, convocada por 15 CGTs estaduais com o apoio de Sindicatos e Federações, será um fórum adequado, legítimo e legal para se discutir essa questão e apontar as saídas.

A partir das resoluções da Assembleia Nacional Constituinte sobre os direitos sociais dos trabalhadores e a organização sindi-

cal, abre-se para o movimento uma situação inteiramente nova. Deixa de existir a ingerência do Estado através do Ministério do Trabalho na vida sindical. Estatutos, Processos eleitorais, definição de base territorial e sustentação financeira, entre outros, passaram a ser assuntos de decisão exclusiva de cada sindicato, de deliberação de suas assembleias. Dentre essas questões se destaca o dispositivo constitucional sobre a unidade sindical em todos os níveis. Nessa nova situação, como fica a existência de CUT, CGT, USI?

Nossa opinião é de que a Plenária Nacional Sindical de 9 de abril será um fórum privilegiado para abrir uma discussão sobre essa questão, convocar o movimento sindical (CUT, CGT etc), independentemente das siglas e coloração política, para uma reunião unitária, discutir essa situação e estabelecer um processo que culmine num congresso unitário de todo o movimento sindical, a fim de estabelecer as normas que adequarão o movimento sindical aos preceitos constitucionais recém-aprovados.

Lançada a União Metalúrgica de São Paulo

No dia 11 de março, um grande acontecimento fez tremer os Magri e os Medeiros do movimento sindical. Com um clima de combatividade e luta foi lançada a União Metalúrgica de São Paulo.

Estiveram presentes 250 pessoas, representantes de dezenas de empresas, vários dirigentes sindicais, sendo que entre estes cerca de 140 eram metalúrgicos. Marcaram destacada presença operários da Metal Leve, Siemens, Mafersa, Mapri, Filtros Mann, Eclin, Matarazzo, Bosch, Gracioli, Elebra, Arno, entre outras.

Vários convidados prestigiaram o lançamento, com destaque para os representantes da Garra Metalúrgica (RJ), diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim (MG) e da corrente Rumo Metalúrgico de Contagem (MG).

A União da Juventude Socialista também levou seu apoio.

O presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, fez uma exposição sobre a necessidade de a classe operária elevar sua consciência e lutar pelo socialismo.

Aplaudido entusiasmadamente pelos presentes, Vital Nolasco (ex-dirigente do sindicato dos metalúrgicos de SP), expôs o programa da União Metalúrgica, prometendo uma grande luta pela liberdade e autonomia sindical, 40 horas semanais, estabilidade e uma forte oposição à atual diretoria do sindicato e ao "sindicalismo de resultados".

Foi, sem dúvida, um grande acontecimento para a classe operária paulista e para os sindicalistas que buscam um movimento forte, unitário, combativo e classista.

Unidade em torno da Direção Nacional

pelo Diretório Regional de Alagoas.

"Em reunião ampliada do Diretório da Mooca, discutimos o Informe e Resolução da Direção Nacional de nosso Partido "sobre a atuação apartidária de José Duarte", e deliberamos, por unanimidade, aprovar seu conteúdo, aprovando a justa posição tomada pela Direção Nacional.

O nosso Partido na Mooca compreende a atuação de José Duarte como fruto de posições pessoais, própria de indivíduos que sucumbem à pressão ideológica do individualismo pequeno burguês e negam o Partido Revolucionário da Classe Operária, seus princípios e sua política.

A lamentável atitude de José Duarte de se afastar do nosso Partido nos tempera ainda mais para a luta, para a vigilância revolucionária e para nossa educação ideológica. Vamos nos empenhar firmemente para aumentar nossos efetivos, aumentar a influência do PC do B na luta política na região e realizar um 7º Congresso vitorioso, de unidade e revolucionarização.

Esta a nossa resposta!"

São Paulo, 13 de Março de 1988
Comitê Distrital da Mooca

☆

"Tomando conhecimento das atitudes apartidárias do ex-dirigente José Duarte, o Diretório Regional de Alagoas do Partido Comunista do Brasil, reunido em seu pleno, ampliado com a participação das direções intermediárias de Meceió, resolve apresentar por unanimidade à Direção Nacional seu total apoio às decisões tomadas, assim como solidariedade aos dirigentes caluniados à guisa de justificativa para as atitudes nocivas ao Partido por parte do ex-camarada José Duarte.

Não nos tomou de inteira surpresa a resolução contida na Classe Operária nº 17. Por ocasião do informe sobre as atitudes fracionistas e anti-partido do grupinho de Meceió, chamamos a atenção a falta de um pronunciamento mais incisivo por parte de José

Duarte. Mesmo se posicionando contra aquele grupo, não explicou a altura o envolvimento e ligação de seu nome com estes indivíduos anti-partido.

O ex-camarada José Duarte renega exatamente o que era seu único grande mérito, a longa e leal militância no Partido Comunista do Brasil. Durante todos estes anos isso lhe foi reconhecido por dirigentes, militantes, amigos e até inimigos do PC do B, assim como sua evidente superficialidade política e teórica. Repudia um passado de luta proletária e mergulha no lodo das concepções e práticas da pequena burguesia. Não apenas abandona as fileiras partidárias, mas investe contra o próprio Partido, fazendo coro com a clique de oportunistas de todos os matizes que hoje fazem parte da mais ampla e diversificada ofensiva nacional e internacional contra o comunismo, como corretamente identificam as teses do nosso 7º Congresso.

É precisamente neste momento em que se realiza a máxima instância da democracia partidária, quando o crescimento do PC do B em todo o país torna-se uma vitória inquestionável, quando a intervenção dos comunistas na vida política da Nação é um fato tal que o boicote da grande imprensa não consegue esconder; é nessa conjuntura que esse dirigente, ao abandonar o Partido, entrega suas "opinões críticas" contra o Partido ao principal órgão da grande imprensa conservadora, o reacionário "Estado de São Paulo", porta-voz do imperialismo, dos grandes latifúndios, da terrista UDR.

Mais uma vez, usa-se o expediente de atacar o Partido através de sua Direção Central e, particularmente, o uso da calúnia contra seus dirigentes. Ao longo de décadas, marcadamente após o grande salto de qualidade revolucionária que foi a reorganização de 1962, a Direção do Partido Comunista do Brasil, anuente nas mais duras condições de clandestinidade, jamais deixou de ser reconhecida pelas bases. Nunca deixou de cumprir suas tarefas marxistas-leninistas; travou e venceu as mais duras batalhas

ideológicas. No que trata de combater a desvios políticos e ideológicos, a coerência marxista-leninista do Partido registra o desmascaramento e a derrota de diversos grupelhos anti-partido. Incapacitados de se unificarem em torno de qualquer justificativa política ou ideológica, esses indivíduos ou grupos oportunistas caem na provocação pessoal contra dirigentes para justificar seus próprios desvios.

A esta Direção, testada pela vida, não se usurpa a autoridade com palavras ocas e acusações levianas. No Partido Comunista do Brasil não há lugar para disputas pessoais. Direção não é cargo, é tarefa. Tarefa política e não posto que se alcança por tempo de serviço. Essa imagem de "disputa pessoal", "injustiça pessoal" é típica dos partidos burgueses e de quem, consciente ou inconsciente, quer transplantar essas concepções para o Partido do proletariado.

As calúnias levantadas contra Dnyéas Aguiar e João Amazonas não podem ser abordadas como fatos isolados. São acusações que pretendem desmoralizar o Partido através da agressão pessoal a seus dirigentes. Particularmente o camarada Amazonas tem sido alvo dessas raivosas investidas, o que demonstra o reconhecimento da burguesia e seus aliados do papel desempenhado por este dirigente na vitoriosa condução política do PC do B.

Os comunistas do PC do B saberão rechaçar esses ataques. Como as massas, o Partido aprende com a própria experiência, e esse embate reafirmará mais uma vez que ser comunista é uma opção cotidiana.

Todo apoio à Direção Nacional!

Total solidariedade aos camaradas dirigentes Dnyéas Aguiar e João Amazonas!

Viva o 7º Congresso do PC do B!

Viva o Partido Comunista do Brasil!"

Maceió, 12 de Março de 1988
Diretório Regional de Alagoas do Partido Comunista do Brasil
Reações intermediárias do PC do B em Maceió



A União Metalúrgica é novo pólo combativo e classista em São Paulo

EXPEDIENTE

A CLASSE OPERÁRIA

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Redação e Administração: Rua dos Bororós, 51
Liberdade — São Paulo — SP — CEP: 01320 — Tel: 278-3220
Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas
Editor: José Reinaldo Carvalho
Diagramação: Maria José L. Leite
Composição, montagem e FOTOLITOS: Cia. Editora Joruês.
Rua Cardeal Arcoverde, 2978 — Pinheiros — São Pa.